

# CRÔNICAS DE QUARENTENA

Michelle Aparecida Pereira Lopes  
João Gustavo de Oliveira  
(Organizadores)

Letraria 

# CRÔNICAS DE QUARENTENA

Reflexões sobre o isolamento social

Michelle Aparecida Pereira Lopes  
João Gustavo de Oliveira  
(Organizadores)

# CRÔNICAS DE QUARENTENA

Reflexões sobre o isolamento social

Araraquara  
Letraria  
2021

# **CRÔNICAS DE QUARENTENA:** REFLEXÕES SOBRE O ISOLAMENTO SOCIAL

## **PROJETO EDITORIAL**

Letraria

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Letraria

## **CAPA**

Letraria

## **REVISÃO**

Letraria

LOPES, Michelle Aparecida Pereira; OLIVEIRA, João Gustavo de (org.). **Crônicas de quarentena**: reflexões sobre o isolamento social. Araraquara: Letraria, 2021.

ISBN: 978-65-86562-31-6

CDD: B869 – Literatura Brasileira

1. Crônicas. II. Título

## Conselho editorial

André Ramalho  
José Gomes Pereira

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>8</b>
Michelle Aparecida Pereira Lopes e João Gustavo de Oliveira	
<b>LEMBRANÇA DO FUTURO</b>	<b>10</b>
Fernando Salomon Bezerra	
<b>ESTRELA VESPERTINA</b>	<b>13</b>
Luiz Henrique Bernardo Freire	
<b>RÉQUIEM AO HOMEM DO PÂNTANO</b>	<b>18</b>
Nicole Karina Ribeiro	
<b>O HOMEM DA BOLHA</b>	<b>28</b>
Helton Lucinda Ribeiro	
<b>A CONVERSA ENTRE A ROSA E O MEDO</b>	<b>34</b>
João Pedro Menezes Jacinto	
<b>HELENA E SEUS TOLOS</b>	<b>38</b>
Mateus Antônio Pereira de Paula	
<b>MÃE DE PRIMEIRA VIAGEM</b>	<b>49</b>
Daniele Helena Bonfim Borges	
<b>VIZINHANÇA</b>	<b>56</b>
Nayara Noronha	
<b>DE TEMPOS EM TEMPOS EU APAREÇO POR AQUI, HUMANOS</b>	<b>63</b>
Nayara Fernanda Dornas	
<b>MANHÃ DE INVERNO</b>	<b>71</b>
João Gustavo de Oliveira	

<b>JOANINHA</b>	<b>76</b>
Michelle Aparecida Pereira Lopes	
<b>AS MÃOS DE ANA</b>	<b>79</b>
Larissa Lorena de Jesus Silva	
<b>SOBRE QUEM ORGANIZA</b>	<b>84</b>
<b>SOBRE QUEM ESCREVE</b>	<b>86</b>

# APRESENTAÇÃO

*Pegue seu coração partido  
e transforme-o em arte!*

Carrie Fisher

A epígrafe que inicia este texto foi dita pela atriz Meryl Streep em seu discurso no Globo de Ouro, em 2017. A decisão de utilizá-la aconteceu porque a frase condensa dois dos motivos pelos quais esta obra foi organizada, a saber: primeiramente, entre nós – organizadores e autores das crônicas desta coletânea – o pensamento de que estamos vivenciando aquele que talvez seja o ano mais difícil de nossas vidas é comum; em segundo lugar, mas não menos importante, todos nós somos entusiastas da arte e acreditamos que ela não só imita a vida, mas também ajuda a nos salvar nos momentos em que a vida se torna angustiante e sofrida, tal qual agora.

Quando a pandemia chegou, trouxe mais do que limitações às nossas ações cotidianas, envolveu-nos em uma nebulosa de informações inicialmente desconstruídas e números assustadores, atirou-nos uma progressão constante de preocupações com nossa segurança sanitária, com nossa família e amigos, com nosso trabalho... Em contrapartida, a ausência de decisões governamentais que nos causassem o mínimo de segurança e de salubridade, associada à inexistência de uma vacina capaz de conter um vírus tão devastador fez nossos planos para 2020 desmoronarem; vimos nossas esperanças serem lançadas precipício abaixo.

Nossos corações tão bruscamente partidos lá no início deste ano, meses depois, permanecem sangrando. A cada estatística apresentada, a cada morte anunciada, a cada nova contaminação revelada, uma gotinha a mais de sangue se esvai. E de gotinha em gotinha, seguimos

nos esvaziando: dos mais de 150 mil mortos, só no Brasil até o momento em que este texto foi escrito – foram-se pais, mães, irmãos, avós, tios, sobrinhos, primos, amigos de infância e de faculdade, colegas de trabalho e de escola, tantos vizinhos, diversos conhecidos... Não exatamente foram nossos, mas todos os que partiram tiveram pelo menos uma das relações acima com alguém. Por isso, ainda que os gráficos nos apresentem apenas números, nossos corações reconhecem-nos como humanos, porque neste momento não é o parentesco que nos faz sangrar; sangramos – obviamente alguns mais e outros menos – por nossa empatia e por nossa humanidade.

Frente a tudo isso, deixemos que a arte seja nosso remédio! Nesta coletânea de crônicas, encontram-se narrativas particularmente reflexivas. Em cada uma delas, um pequenino lenimento. Algumas histórias são permeadas por diálogos entre personagens que vivenciam o mesmo que nós vivenciamos; outras são fluxos de consciência desencadeados por este momento tão particular da história de cada um de nós. Nossas crônicas tratam de questões sociais e familiares, desencadeiam emoções e despertam contemplações primorosas sobre nossa vida durante a pandemia.

Assim, que nestes tempos de isolamento, encontremos na arte nossa melhor companhia. Que ela seja o bálsamo capaz de cicatrizar algumas de nossas fissuras abertas neste tempo; que ela seja o lenitivo para nossas almas cansadas; que ela seja o refrigerio para nossos pensamentos preocupados; que ela nos traga em meio a tudo isso um momento de conforto!

Boa leitura!

Michelle Aparecida Pereira Lopes  
João Gustavo de Oliveira

# LEMBRANÇA DO FUTURO

**Fernando Salomon Bezerra**

Quando estamos diante de iniciativa como a que temos em mãos, podemos nos perguntar: a que propósito ela serve? É possível escrever a pandemia e o isolamento? É possível que um escritor capte, de modo satisfatório, as vicissitudes que estão acontecendo em nossas vidas, permanecendo coerente com as que possivelmente virão?

Contraditoriamente, as respostas a essas perguntas dizem respeito à coletividade, ao ajuntamento. Digo contraditoriamente, porque se o tema que norteou este mosaico de impressões é justamente o isolamento social a que estamos submetidos, talvez fosse de se esperar que a coletânea de narrativas se compusesse de ilhas de sentidos isolados, capitaneadas apenas pelo tema em comum. Mas a leitura destes contos nos mostra que a coincidência de elementos entre eles é bastante significativa, fazendo da experiência de conhecê-los uma possibilidade de compreender como agimos e o que pensamos enquanto coletividade.

É expressivo que a memória se torne o núcleo estruturante em muitas das narrativas e momento importante de outras. Assim, acompanhamos narradores recorrendo às lembranças de um passado menos doloroso como forma de amenizar o sofrimento causado pelo isolamento e como oportunidade para refletir sobre o que vai dentro de si. Recordações estas que dão alento para enfrentar momentos de acúmulo de incertezas, expectativas frustradas, questionamentos e mudanças de perspectivas. Levando este raciocínio para o âmbito geral das narrativas, podemos dizer que é a grafia em conjunto da memória de cada um que comporá um quadro satisfatório de nossa experiência comum.

E se há reflexão sobre o que acontece dentro de cada um, conseqüentemente haverá reflexão sobre o que acontece fora, com o outro. Nesta equação fora/dentro de si, o signo casa e o signo rua ganham significados contundentes nas narrativas. A rua é o espaço para se medir como os outros estão se comportando frente ao caos gerado pela pandemia, também é signo de uma liberdade de difícil acesso, interdita

ou mesmo perdida. Por sua vez, casa remete à família nuclear, à família que apoia, que conforta, à família da qual se está separado mesmo antes da pandemia, a família que é um fardo. A casa torna-se o universo onde os dramas serão vividos. A família, os personagens deste drama.

Também é digno de menção a opção majoritária por narrativas elaboradas em primeira pessoa. Tal opção dá um tom de testemunho aos escritos, nos fazendo pensar onde termina a ficção e começa o relato. E é no caráter de relato (ou relato ficcional) que encontramos a confirmação de que realmente este tempo presente absurdo está acontecendo de fato e há pessoas que passam situações bem semelhantes, apesar do isolamento.

Inclusive, a necessidade de se grafar reflexivamente o presente imediato, que acompanha, com mais ou menos ênfase, a literatura brasileira pelo menos desde a década de 30 do século passado, se fazendo constante na literatura contemporânea, aqui ganha seu mais alto grau. É preciso escrever *agora* o que estamos passando *agora*, para que, além do registro, possamos compartilhar impressões e vivências.

Penso que num futuro distante, quando um hipotético pesquisador quiser saber como o isolamento social atingiu aqueles que enfrentaram a pandemia causada pela COVID-19, para além dos números estarrecedores e das notícias midiáticas, ele encontrará as informações que procura em livros como este.

# ESTRELA VESPERTINA

**Luiz Henrique Bernardo Freire**

“[...] A dor do peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã.”  
Álvares de Azevedo

Homólogo ao tempo sigo seco, frio e virulento. Novamente em uma tosse minhas mãos demonstram o rubro dentro de mim. É o mal do século que me assola, e pouco a pouco meu pulmão fica cada vez mais rugoso. Sabia que o meu fim seria pelas minhas ventas, mas sempre acreditei que seria um câncer de pulmão, apenas mais um número qualquer para essa estatística tabagista, mas não, será por esse mal que assola o globo.

Neste instante debruço-me sobre a minha escrivaninha, as lágrimas escorrem no meu rosto e a cada lágrima a minha esperança de uma cura se esvai. Já estou velho e a hanseníase ainda perdura, as fincadas nos meus músculos ainda são rotineiras, minha disposição cada vez mais diminui. Desde os meus vinte e quatro anos essa doença me assola, mas esta coroa que abraça meus pulmões é nova, para mim e para o mundo.

São Paulo é uma cidade tão grande quanto a esperança das pessoas que nela vivem, em toda minha vida nunca contribuí positivamente para o quadro social de minha espécie, com a hanseníase e com a pensão de meu velho, ex-militar, vivi como dizem: “às sombras de meu pai”; nunca me canso de rir dessa afirmação, como se eu tivesse escolhido nascer assim.

Um leito para mim seria um desperdício, eu não sirvo de nada para minha pátria, deixarei o lugar que seria meu para alguém que realmente mereça.

Uma tosse novamente vem, dessa vez seca, é o corona, levanto-me da minha cadeira e enxugo meu rosto. Pego meu violão – nele, sempre encontrei o meu *hobby* mais amado; tento dedilhar alguns acordes de Chico, mas a tremedeira me faz errar algumas notas e, numa velocidade

advinda da raiva pela minha incapacidade de tocar, joga meu violão sobre a cama.

Entro numa melancolia que ataca minha ansiedade e recorro ao meu santuário mais fatídico, o tabaco. Com algumas tragadas meu corpo se acalma. Tenho 56 anos e vivo a minha vida numa lembrança de quem eu costumava ser; olhando os álbuns antigos, recordo da minha vida toda, aos meus 18 anos ganhei de meu pai como presente por ter passado na faculdade uma câmera digital, a Sony Mavica, lançamento daquela época, para que eu fotografasse o mundo ao meu ver.

Sempre fui um cara retraído e a faculdade de Direito no Rio foi uma das minhas maiores libertações; lá conheci meus primeiros grandes amigos (hoje porcos que mal falam comigo, com exceção do Carlinhos que me manda sempre aquelas ridículas imagens de bom dia), a minha grande e primeira paixão correspondida, Ana Clara, uma preta dos olhos verdes que, como um milagre, conseguiu adentrar a UERJ, vinda de Jacarezinho. Hoje faz dez anos que a vida a tirou de mim.

A Ana era enfermeira socorrista, então ela fazia trajetos em alta velocidade atrás de pacientes de emergência e fazendo o que mais amava, cuidar das pessoas, sofreu um acidente de percurso contra um caminhão, morreu ela, o motorista e o paciente. Mais um golpe da vida.

Eu e ela nunca tivemos filhos, a rotina dela sempre muito corrida não nos possibilitaria cuidar de uma criança e de uma pessoa com hanseníase, que corriqueiramente dá um desgaste, fora as dores que me assolam, fazendo-me correr sempre desesperado ao Dr. Paulo.

Vivo só em minha propriedade, casa que era de meus pais e que hoje pertence apenas a mim e aos meus discos de vinil. É uma propriedade grande, com piso de taco, todas as salas sempre bem decoradas ao bom gosto de minha finada Ana; as paredes guardam alguns quadros de pintores, pôsteres de filmes, estantes de livros e fotos minhas com a Ana ou com minha família.

Sou a sombra do que fui até os meus 23 anos e agora, com este isolamento, tudo se torna tão claro. A minha existência é baseada numa memória que costumava se mover e hoje só aprecio.

Acredito que o café esteja pronto, sem açúcar, como um homem de verdade deve tomar e apreciar. De frente para a janela de minha propriedade, bem ao fundo consigo enxergar o movimento de São Paulo, já são quase 5 horas da manhã e, pelo que pude notar, não se teve um momento de trégua para o asfalto. Não sei até que ponto as pessoas se isolaram de verdade.

Francamente, este isolamento não mudou tanto minha rotina, sempre evitei contato social, as deformações de meu rosto causadas pela hanseníase sempre me trouxeram um receio de sair a público, era só em caso de extrema necessidade, ou quando a Ana me obrigava a ir a um jantar romântico com ela, nossa, como ela adorava aqueles peixes crus, tão caro numa coisa que sequer tem a decência de ser levada ao fogo.

Lembro-me da primeira vez que fui num restaurante desse com ela, toda habilidosa com aqueles pauzinhos; ela se divertia tanto me vendo tentar, por fim, desanimei e comecei a pegar com as mãos, todos olhavam, mas eu e ela nem demos bola, estávamos tão felizes aquele dia, tenho saudades daquele sorriso. Ela estava com um vestido tão lindo, por coincidência era o vestido que ela usou em um dos nossos primeiros encontros, talvez não fosse coincidência, a Ana era sagaz. Não me recordo de ter dito que eu havia reconhecido, ela teria ficado feliz! Droga, Ana! Como eu queria mais uma vez passar a mão nos cachos do teu cabelo!

A dificuldade para respirar está aumentando, talvez o tempo esteja agravando o corona, acredito que se eu utilizar o inalador da Ana pra asma ajude. Sim, boa ideia.

Cinco minutos se passaram inalando este ar umedecido, o sol parece estar para raiar, acredito que tenho de tentar dormir. Deito-me sobre a minha cama e fecho os meus olhos, tenho a esperança que seja a última vez que eu os feche, para que esta dor que eu tenho no meu ser se esvaia, e assim, possa encontrar aquele que já fui e minha amada Ana ou, como gostava de chamá-la, minha Estrela Vespertina.

# RÉQUIEM AO HOMEM DO PÂNTANO

**Nicole Karina Ribeiro**

Conhece aquela teoria filosófica sobre o Homem do Pântano? Um cara chamado Davidson propôs um experimento mental que dizia para supormos que, em um dia qualquer, um homem sairia para caminhar em um pântano e, subitamente, seria atingido por um raio e morto ali mesmo. Só que, ao mesmo tempo, no mesmo pântano, outro raio reorganizaria um grupo de moléculas que, coincidentemente, assumiriam a mesmíssima forma desse rapaz que foi morto. Eles têm o mesmo cérebro, o mesmo físico. Aí então, ele aparentemente se comporta da mesma forma que esse primeiro aí que morreu. Depois disso ele sai do pântano, volta para o mesmo emprego e vida que esse cara tinha, interage com as pessoas do mesmo jeito e até pensa parecido. A questão aqui é a seguinte: com tudo isso que aconteceu, no fim das contas, esse homem do pântano é ou não é a mesma pessoa que levou um raio na cabeça e morreu?

Todos os dias são iguais. Acordo duas horas da tarde, me arrasto para fora da cama às três. Vou até a cozinha, esquento a água da torneira no fogão e coloco um sachê de café pronto na caneca. Esse é meu almoço, reforçado com um Marlboro de filtro vermelho. A higiene eu abandonei há quase uma semana, escovo os dentes ou tomo banho quando me lembro ou quando meu corpo cobra e a alimentação balanceada que eu mantinha em dias mais prósperos foi para o ralo no segundo mês da quarentena. Não tem ninguém aqui que vai se importar em como eu cheiro ou como me pareço.

No começo até tentei, juro, me manter equilibrado em relação a toda essa situação, mas o que fode mesmo é a cabeça. É como as coisas começam a ficar cada vez mais densas e disformes quando você passa tempo demais sozinho encarando as paredes brancas de uma casa que não é nem um pouco familiar, ouvindo murmúrios em uma TV onde só pega um canal todo alaranjado e que, vira e mexe, se transforma em estática e deforma todos os vultos saturados que você ainda usa de referência para não esquecer como é o rosto das pessoas.

No final do segundo mês de quarentena, descobri por meio de uma postagem no Facebook que minha mãe havia contraído o vírus e ficaria em isolamento em casa, já que não foram grandes sintomas e, por isso, os médicos acreditavam que as chances de piora eram bem pequenas. Quando li aquilo, senti o sangue subindo pelas minhas bochechas e meu rosto ficando quente. No começo o desespero, meu peito apertou ao ler “positivo para COVID”, mas ao terminar o texto e saber que estava tudo bem, instantaneamente senti uma vertigem, como se o sangue tivesse subido rápido demais. Em seguida, a raiva. Uma coisa que todo mundo fazia, especialmente meu irmão e meu pai, era nunca me contar quando algo sério acontecia em casa. “Você já tem muita coisa pra se preocupar aí em Uberaba, se ficar sabendo dessas coisas não vai adiantar nada, só vai te deixar mal. Pode ficar tranquilo que tô cuidando da mãe e do pai”, era o que meu irmão me dizia sempre que eu ligava puto para tirar satisfação de alguma coisa que descobri por terceiros. Não sei se eles entendem que ficar sabendo de tudo o que acontece de uma vez no tempo que passo longe é muito pior do que saber na hora do ocorrido, mesmo eu não podendo ir pessoalmente ajudar a resolver. A sensação é como a de levar uma paulada na cabeça enquanto outra pessoa te passa uma rasteira, você fica desorientado. No caso de minha mãe, a única coisa que eu pude fazer foi ligar periodicamente para saber como ela estava se sentindo e mentir sobre como eu estava levando a vida.

A cada ligação, no decorrer das semanas, eu percebia coisas bem sutis; sua voz estava mais fraca, a pausa para tomar fôlego ficava cada vez mais espaçada, muitas vezes ela tinha tosse seca e precisava desligar porque se sentia muito, muito cansada. Aos poucos eu fui entendendo o que aquilo tudo queria dizer, então parei de perguntar como ela estava, se tinha acompanhamento médico regular, se estava descansando e só conversava sobre coisas cotidianas ou deixava nossas conversas se tornarem nostálgicas o suficiente para ouvir ela rindo e comentando animada sobre acontecimentos que eu sequer lembrava, mas concordava

porque ela estava se divertindo. Nessas horas eu lembrava do quanto eu a amava e o quanto ela me fazia falta, que talvez eu não fosse mais ter esses momentos com ela em breve. Quando pensava nisso, minha voz embargava, minha garganta apertava e as palavras se atropelavam. Ela percebia e me perguntava o que havia acontecido, eu inventava qualquer desculpa e continuava a conversa até ela ficar sem fôlego para continuar. Esses eram os momentos mais preciosos da minha semana, os quais eu tentei aproveitar ao máximo, mesmo ainda ficando com a sensação de ter deixado escapar muita coisa.

No final de junho recebi uma ligação de meu pai, ele me perguntou como eu estava e pela primeira vez percebi pelo tom de voz o quanto ele tinha envelhecido, eu não o via já há vários meses, mas senti como se estivéssemos cara a cara. Fechei os olhos e tentei imaginar como deveria estar seu rosto nesse momento, os olhos azuis brilhantes rodeados por bolsas de pele inchadas de cansaço, o nariz grande estava caindo, assim como os lóbulos das orelhas. As bochechas estavam levemente flácidas, o cabelo já começara a se despedir desde os trinta anos de idade e todos esses traços deixavam estampados os anos de serviço como peão de fábrica que se orgulha de ter sido um pai trabalhador, ainda que não tivesse sido presente nos nossos primeiros catorze anos de vida. Meu transe foi quebrado pela frase que eu esperei todo esse tempo, mas que tinha pavor de ouvir: “meu filho, sua mãe faleceu ontem de madrugada”.

Quando estamos sozinhos e com muito tempo vago para pensar em qualquer merda aleatória, a gente acaba tendo umas epifanias no processo, já notou? Eu percebi que, não só nesses últimos meses de quarentena, mas nos últimos anos da minha vida, raramente tinha parado para tentar entender o que acontecia na minha cabeça, como isso me afetava, como afetava a relação que eu tinha com outras pessoas, tipo as coisas que eu gostava, mas escondia e as que fingia gostar por comodidade, para não ter que explicar o porquê de sempre recusar. Era

cansativo. Os momentos em que eu tinha que me impor, mesmo que minimamente, drenavam todas as minhas energias e, no fim do dia, eu me sentia como uma uva passa, tão seco que ficava enrugado, como se o buraco no meu peito que estava sugando toda minha vitalidade quisesse também me puxar para dentro de mim mesmo.

Em muitos dias, eu só ficava deitado na cama, olhando para o teto, tentando perceber as silhuetas dos móveis no quarto. Com tudo apagado e somente a luz de um poste passando por um feixe bem estreito na janela, eu tinha a sensação de que talvez pudesse haver pessoas ali comigo. Qualquer lugar para onde eu olhasse, se me esforçasse um pouco, enxergava alguém sentado ou em pé. E conversava. Contava as coisas que eu tinha pensado o dia todo, contava o sonho que havia tido na noite anterior, minhas lembranças mais antigas, como a época em que eu morava em São José dos Campos com minha mãe, onde conheci minha primeira namorada e criei meu cachorro que faleceu há alguns meses. Eu esperava alguma resposta que nunca chegava, mas gostava de pensar que pelo menos eles ouviam o que eu tinha para dizer, mesmo que não fosse importante para mais ninguém além de mim.

Quando recebi a notícia do falecimento da minha mãe, senti que entrei em um estado de inércia. É como dizem, a ficha demora um tempo para cair. Eu não estava lá quando ela adoeceu, quando ela sofria constantemente com as dores no peito e pedia para algum deles pegar água porque ficava o tempo todo com a garganta seca. Eu não estava lá quando ela foi internada, quando receberam o laudo informando a piora no quadro de saúde, dizendo que era questão de tempo para o pior acontecer e que o hospital sentia muito por não poder fazer mais do que deixá-la confortável ao máximo até partir. Principalmente, eu não estava lá quando ela foi enterrada, nos cinco minutos que meu pai e meu irmão tiveram ao lado do caixão lacrado, mantendo os dois metros de distância recomendados pela Organização Mundial da Saúde.

Meu sentimento, acima de tudo, era frustração. Eu estava a, pelo menos, seis horas de distância de casa, preso em uma *kitnet*, sozinho e sem possibilidade nenhuma de voltar. A impotência é uma das sensações mais cruéis que uma pessoa pode sentir, independente da situação. Sempre que eu parava por dois minutos, os pensamentos me atingiam como *tsunamis*, devastando o que sobrava da minha sanidade. Nessas horas eu sentia culpa. Uma lasciva, dilaceradora culpa. Eu só estava onde estava com o objetivo de crescer na vida e poder dar aos meus pais tudo que eles sempre quiseram. Minha mãe era empregada doméstica e, desde muito cedo, trabalhava na mesma casa de família. O patrão era médico, a esposa era esteticista e eles tinham um filho com a mesma idade que meu irmão na época, que era mais novo. Ela passava todos os dias da semana, muitas vezes até os sábados, cuidando de uma casa que não era dela, alimentando uma família que não era a dela e, principalmente, cuidando de um filho que não pertencia a ela, mas que ela viu crescer, acompanhou quando estava doente, presenciou as pequenas vitórias na escola e nutriu de amor. Eu e meu irmão ficávamos em uma creche pública em período integral, então só a víamos à noite, quando ela estava cansada demais para interagir conosco, e entendíamos porque também estávamos cansados demais para ficar empolgados.

Ela sempre contava histórias da vida dela nos poucos momentos em que ficávamos juntos. Uma em particular sempre ficou na minha cabeça, que era de quando ela tinha dezenove anos, antes de trabalhar fixo para aquela outra família, e um homem para quem ela fazia bicos de diarista acabou se apaixonando por ela. Ele pediu para que ela morasse com ele em São Paulo, na capital, para deixar de trabalhar limpando a sujeira dos outros e viver uma vida melhor. Nessa época eu já era nascido e, claro, a condição era eu ficar com uma de minhas avós. Óbvio, você deve pensar, que ela recusou e me escolheu. Na minha cabeça, por muito tempo, eu me senti muito grato por isso, afinal de contas, eu tive a sorte de ser muito amado por quem me deu a vida. Só que, conforme fui crescendo,

comecei a pensar que talvez tivesse sido melhor para ela ter ido embora com aquele cara. Ela sempre teve vários sonhos, de viajar, conhecer o Brasil todo e, o que ela mais falava, de se hospedar em um hotel para tomar café da manhã. “Acordar numa cama macia e tomar café, sem ter que me preocupar em acordar cedo e fazer eu mesma”, ela ria e sempre falava sobre isso com empolgação. Esse, principalmente, foi o motivo que me fez trabalhar desde cedo, juntar um dinheiro, estudar muito e vir tentar a vida numa faculdade pública. “Estudar é importante”, ela sempre me disse, “pra você ter na vida o que a gente não pode te dar”, só que a situação era inversa; eu queria estudar para dar para ela tudo que eu tomei, mesmo sem saber.

Numa noite em particular, acordei no meio da madrugada com falta de ar e sentindo muito frio. O ar estava denso e o quarto mergulhado na penumbra. Eu não me lembro se realmente aconteceu, mas a sensação que tive foi de ter sonhado com minha mãe e, depois de quase cinco dias apático, eu desabei. As lágrimas encheram meus olhos tão rápido que não tive tempo de contê-las, gotas grossas e salgadas escorriam pelo meu rosto, me sufocando, e para respirar eu tentava me agarrar à pele do meu peito, tentando arrancá-la, para esvaziar aquela agonia torturante que parecia não ter fim. Eu gritei a plenos pulmões, soluçando e me engasgando no processo, arqueando meu corpo para frente, rasgando minha carne com as unhas, sentindo o peso de duas toneladas de culpa no lugar dos pulmões e pedindo desculpas às silhuetas, minhas únicas companheiras, por ter privado minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, de viver e ser feliz. Depois de vários minutos que mais pareceram horas, apaguei e só voltei a acordar às cinco da tarde do dia seguinte.

Conforme o tempo passava, eu sentia que minha própria existência era um pecado. Já não conseguia lidar com todo o peso da minha cabeça e do meu peito. Nada que fazia sentido antes me dizia algo agora e tudo

o que eu queria era poder trocar de lugar com minha mãe, porque talvez o martírio aliviasse minha culpa. Eu podia sentir, nesses momentos, o sangue percorrendo minhas veias, meus pulmões se enchendo e esvaziando, a fricção das minhas pálpebras nos meus globos e imaginava todas as células do meu corpo se emaranhando, se unindo e depois se dividindo, se deformando e depois se reconstruindo e o vermelho da luz do Sol que insistia em permanecer nos meus olhos fechados me irritava, fazendo eu me sentir exposto e nu. Todas as silhuetas, nessa hora, podiam ver em primeira mão o momento de minha morte enquanto ser humano, presenciando estupefatas a degeneração do meu corpo, que acompanhava minha alma, e eu sentia que tudo em mim era como um isopor que, quando tocado, se desfazia em pequenas bolinhas, se desprendendo do que eram antes e deixando de ser uma unidade, uma forma concreta, para se tornarem abstrações. O som do vento, dos carros na avenida e dos uivos dos cachorros eram como um réquiem doloroso demais para ouvir.

É verdade que o tempo auxilia no processo do luto, mas que grande parte disso deve vir de nós mesmos, porque só eu sei o que acontece na minha cabeça, assim como, constatei depois, só minha mãe sabia o que acontecia na cabeça dela. Quando me dei conta, várias semanas depois, que, assim como eu, minha mãe era sua própria unidade, com pensamentos e sentimentos próprios, me lembrei de momentos pontuais que costumava, inconscientemente, ignorar. Nossa cabeça é programada para filtrar momentos ruins, porque acredita que os momentos bons são corretos e, portanto, obrigatórios. Quando algo vai mal, absorvemos mais facilmente porque, teoricamente, o correto e o bom são normais, então o errado e o ruim são anormalidades a serem consertadas. Com nossas lembranças não é diferente, já que eu precisei passar pelo inferno para entender que, no fim das contas, minha mãe sempre me deixou claro em muitos de seus gestos que foi feliz.

Isso, é claro, não aconteceu em poucos dias, mas muito, muito tempo depois, em um dia que, mais uma vez, sentia minha energia vital se esvaír. Estava tentando me agarrar a qualquer lembrança que tivesse de minha mãe, não aguentando mais a tortura a qual eu mesmo me submeti, me lembrando que ela sempre brincava que, quando morresse, não queria ninguém sofrendo por ela, porque queria descansar. Percebi que, nesse tempo todo, eu fui muito egoísta em pensar que, sofrendo, nem mesmo na morte eu concederia a ela seu merecido repouso. Forcei, então, em minhas memórias, momentos que justificassem, ou pelo menos tentassem, todos os anos que, para mim, eram considerados perdidos na visão dela. E, justamente por lembrar deles, tive o estalo de que eu não poderia dizer com precisão o que minha mãe pensava ou sentia, porque isso sempre coube a ela. Quando eu nasci, quando meu irmão nasceu, quando crescemos e fomos fazendo nossas próprias descobertas, foram momentos que a fizeram feliz. As vezes em que a gente ficava deitado com ela na cama, ouvindo as histórias que ela nos contava, era só disso que se tratava, no fim: histórias. Em nenhum momento ela disse ter se arrependido, que devia ter feito outra escolha, tomado outro caminho. Tudo, durante todo nosso tempo de vida, foi escolhido por ela e essa era a palavra que eu estava ignorando. Escolha. Ela escolheu dedicar os frutos de seu trabalho a nós, ela escolheu ser feliz com duas crianças que, diariamente, a amavam, apesar de dar muito trabalho e, acima de tudo, naquela época, com aquela proposta de mudar de vida, ela me escolheu. Ela não deixou de ter sonhos e não deixou de ser feliz, porque, e essa fala eu me lembrei depois de ter me tocado sobre isso, nós dois, eu e meu irmão, nos tornamos os sonhos e a felicidade dela. Os pais não jogam seus sonhos fora depois de ter seus filhos, só os substituem por eles.

A pandemia ainda está longe de acabar, o isolamento é necessário mesmo depois de todos esses meses e sem previsão nenhuma de flexibilização, mas sinto que é meu dever levar as coisas um pouco melhor, voltar a estudar, me dedicar para cuidar do meu pai, que está

envelhecendo e, apesar do passado, ainda precisa de mim. Quando minha mãe faleceu, sinto que, na fase do luto, eu também morri. Só que, assim como o Homem do Pântano, minhas moléculas conseguiram se reorganizar e me reestruturar graças ao mesmo raio que me matou. A mesma pessoa, os mesmos ideais, as mesmas memórias, mesma vida. Resta saber se, depois disso tudo, quando a pandemia acabar, quando as pessoas voltarem à sua normalidade, eu ainda serei eu.

# O HOMEM DA BOLHA

**Helton Lucinda Ribeiro**

Estão dando uma festa em algum lugar próximo à casa de Tobias. Ele ouve. Música, vozerio, tilintar de copos e talheres. Não é a primeira vez, é claro. Aliás, é cada vez mais frequente o barulho de reuniões, convescotes, churrascos. Mas ele não se acostuma. Há algo errado, sente. Agora, o mundo o esqueceu, mas, no começo, as pessoas o procuravam, o convidavam para sair, até para entrevista de emprego o chamaram. Tudo isso chocava, mas não chegou a pensar, nos primeiros meses, que se tratasse de uma armadilha. Um embuste para o expor à infecção. Afinal, por que alguém faria isso? Mas essa não é a pergunta. Depois de tudo o que se viu nessa pandemia, a irracionalidade, a perversidade, o *non sense*... a pergunta correta é: por que não?

Sim, Tobias começa a se dar conta de que há algo errado. Hoje ele pensa que não enfrentamos uma simples pandemia, uma moléstia causada por um agente patogênico como tantos outros que infestam a superfície do planeta. Não nos contaram tudo. Aconteceu com a humanidade algo mais sinistro ou bizarro, e a “normalidade” – se assim podemos chamar nossa vida de antes – não está mais ao nosso alcance. Isso significa que não há esperança. Mas sair ou não sair de casa tem outro sentido para ele depois que chegou a certas conclusões. Pensou muito se deveria se arriscar. Como no filme *O Homem da Bolha de Plástico*. Você conhece? Não, é claro, você é muito jovem. Mas sabe quem é John Travolta? Pois é, era ele. Ele viveu toda a infância e a adolescência em uma bolha de plástico, pois nasceu com certo tipo de deficiência imunológica. Mas um dia, já adulto, ele se arrisca a sair e fica tudo bem, porque seu sistema imunológico já tinha se desenvolvido. Não é *spoiler*, você nunca vai ver esse filme mesmo.

Em vez de sair da bolha, porém, Tobias ficava tentando fotografar o crepúsculo, essas fotos bonitas que todos postam nas redes sociais, mas nenhuma ficou boa de verdade, talvez porque suas janelas não oferecessem um bom ângulo para se fotografar o pôr do sol, mas, se isso

serve de consolo, o amanhecer é pior ainda, picotado pela linha serrilhada de edifícios. Pois bem, ele poderia sair e – quem sabe? – descobrir que se tornou imune ou o vírus já se foi. Assim como todos os outros que saíram do isolamento e hoje estão a viver suas vidas em toda a plenitude, com trabalho, academia, escola, missa, feira-livre e churrasco. Ele não tinha muito a perder. Mas não era justamente o que eles queriam, cooptar o último homem em quarentena sobre a Terra?

A bem da verdade, Tobias não tem uma única hipótese para a pandemia. Tem várias. Satanismo, vampirismo, invasão alienígena. Já lhe ocorreu que o mundo acabou, ou ele morreu, e isto aqui é o limbo, ou coisa pior. Essas teorias são muito manjadas, eu sei, eu sei. Mas, com todo seu tempo livre, Tobias tem desenvolvido outra, que...

Ouviu? Esse barulho? Aí na rua, em frente à casa de Tobias. Às vezes ele imagina que uma horda vai invadir a casa e arrastá-lo para fora. Tem a impressão de que está sempre cheio de gente ao ar livre, na calçada, além de um trânsito terrível. Mas, quando vai colocar o lixo no portão, quase nunca vê gente. Isso o faz se sentir como se estivesse naquele filme do Polanski.

Bom, mas a teoria é a seguinte: o mundo, na verdade, não existe. Nunca existiu. Tobias evoca o *cogito* cartesiano e conclui que ele pensa, sabe que pensa, mas não sabe se outras pessoas pensam, se eu ou você que me lê pensamos ou se somos, incluindo o nosso pensar, apenas o pensamento de Tobias. Tudo em que ele pode confiar é que ele próprio existe. Todo o resto bem poderia ser o produto de sua mente. A festa aí do lado, os garotos soltando pipa na rua, as rabiolas penduradas na fiação, os latidos dos cachorros, o bar de ontem à noite, tudo produto de sua mente.

Mas Tobias sabe também que não controla tudo isso. Ele leu Freud. Não muito, mas um pouco mais do que a maioria. E algum Lacan também.

Sabe que a consciência não está no controle, que há camadas mais profundas gerando conteúdos incessantes, símbolos, essas coisas. Logo, o que ocorre é que ele está sob prisão voluntária em um mundo onde só ele existe, uma espécie de parque de diversões em que toda diversão lhe é negada o tempo todo porque, em algum ponto da sua mente, um eu profundo e enigmático decidiu que assim deve ser. E tudo o que existe, toda a gente, existem para ele, e, ainda assim, ele os rejeita e se isola.

Por paradoxal que pareça, romper o isolamento não é a solução. Seria mergulhar nas profundezas. Ele suspeita que isso lhe causaria algum tipo de neurose, manifestada como infecção, dadas as circunstâncias. Afinal, qual é o sentido dessa narrativa? Tobias acredita que seu inconsciente tenha um propósito terrível e não sabe se quer desvendá-lo. Não seria isso o próprio inferno? Descobrir que tudo é uma ilusão? Mas não há sequer uma Matrix. A vida teria algum sentido se ele soubesse que, em algum lugar, possui um corpo em hibernação para sustentar. Não, não há um demiurgo. Ou melhor, ele é o demiurgo. Em absoluta solidão.

Trancou-se em casa há meses com medo de morrer, mas é possível que até a morte seja uma ilusão, que ele não vá morrer de verdade. Se acontecer, tudo começa de novo. Tobias se lembra de como brincava com sua ex-mulher, que teve um irmão gêmeo que não sobreviveu ao parto e ele perguntava como ela sabia quem de fato tinha morrido, como sabia que o natimorto não fora ela e o irmão vivia sua vida na condição de verdadeiro usurpador. E agora ele não vê o lado humorístico disso, porque parece perfeitamente plausível que tais coisas aconteçam, e devem mesmo acontecer o tempo todo.

Você acha que a mente é complexa? Na verdade, ela não tem muita graça. Você já jogou Age of Empires? É um jogo de estratégia no computador. Se você ficar muito tempo em um mesmo cenário, sem atingir o objetivo e sem ser derrotado, o jogo chega a um ponto de estagnação. Os recursos naturais acabam, os trabalhadores se tornam inertes, o exército

adversário se desarticula e começa a atacar sem estratégia e de forma repetitiva. Isso porque a programação se esgota e o aplicativo entra em *looping*. Talvez se o jogo fosse dotado de alguma forma de inteligência artificial, pudesse ficar mais interessante, imprevisível. Por outro lado, não parece seguro brincar com inteligências artificiais. O que eu estou querendo dizer é que a mente de Tobias deve ser mais sofisticada do que um Age of Empires e, mesmo assim, entra em *looping*. As repetições estão aí: pandemia de gripe, fascismo, crise econômica... Por que não acontece algo verdadeiramente novo? É o que ele tem se questionado. Ele também leu algum Vico, diz (mentira, só ouviu falar). Sei o que você está pensando. Ele provavelmente enlouqueceu durante a quarentena. Mas pode ser que não. A questão é: ele consegue assumir o controle? É difícil. Às vezes tenta meditação. Como agora, olha só:

Mais um pouco:

Não funciona. Não funciona porque se voltar para dentro não dá certo. Afinal, o seu interior está aí fora, projetado num raio a partir de si cujos limites desconhece. Por isso, chegou à conclusão de que a alternativa seria sair e confrontar seus temores. Fazer com que as pessoas, essas projeções do seu eu recôndito, lembrem-se novamente dele. Sim, ele saiu ontem. Não o julgue. Foi a um bar. Usou máscara enquanto pôde, mas é impraticável usar máscara quando você está bebendo em um bar. Houve aglomeração, é claro. Tentou se enturmar, mas não encontrou muita receptividade, e já estava um pouco alterado, acha que foi por isso que a confusão começou, não se lembra bem, alguma coisa que ele disse pegou mal, deve ter xingado alguém de fascista – será? –, e não é o que eles realmente são, com seu chauvinismo padrão CBF, uns protofascistas, uns neofascistas, não importa o prefixo? Não disse nada que não brotasse do fundo do coração e eles é que foram intolerantes, então houve a confusão, empurra-empurra, ele estava no meio de um

pequeno grupo, ninguém veio em sua defesa, pelo que se lembra, mas havia uns policiais – fazendo o quê? –, e num instante ele estava com a cara no chão e via a rua em diagonal.

É por isso que está com esse arranhão e o rosto inchado, caso você não tenha notado. O inconsciente joga pesado. Voltou para casa e aí está, recolhido. Talvez com o vírus incubado em sua corrente sanguínea. Mas quer saber? Não seria mau resetar o jogo e começar de novo. Quem sabe na próxima fase sua vida deixe de entrar em *looping*? Pois pode ser mesmo que o mundo não exista e tudo seja projeção do inconsciente de Tobias, a pandemia, os fascistas, as festas, o comércio aberto... até eu, o narrador desta história, e você que a lê.

# A CONVERSA ENTRE A ROSA E O MEDO

**João Pedro Menezes Jacinto**

Passar tanto tempo trancado. Inicialmente, acreditávamos em quinze dias, talvez trinta, quarenta ou até sessenta. Hoje completamos exatos cinco meses entre paredes, guardando as rosas e os medos, escondendo da chuva e do frio. As rosas do jardim da casa nova despertaram o que havia de mais escondido, percebi que duravam cerca de sete dias, entre o abrir das pétalas até as quedas devido ao forte sol de inverno, que aqueceu, não só as rosas, mas o coração congelado há sete anos. Percebeu que as rosas duram menos do que as paixões proporcionadas pelo isolamento. Os relacionamentos mudaram ao longo deste período, muitos começaram a namorar durante a quarentena, e ele, que passou os últimos sete anos acreditando que a vida era só trabalhar e correr, percebeu que, para as rosas nada mudara.

Por medo, deixou claro logo na primeira prosa, após algumas mensagens trocadas nos aplicativos de relacionamentos: não estou pronto para ver a rosa, nem abrir, nem secar, prefiro a solidão. Mas nem sempre o que dizemos conseguimos colocar em prática. Entre um vinho, algumas cervejas e queijos inesquecíveis, as mãos inseguras se prenderam, e se deram força nesse momento de constante solitude. Muitas vezes nos perdemos, muitas vezes é preciso nos perder. No amor o controle é algo impossível de se manter, as mãos tremem desde o primeiro encontro. O que era uma conversa de amigos, virou um beijo quente entre quatro paredes, quatro mãos que buscavam proporcionar o prazer e ouvir os gemidos. As paredes agradeciam os pequenos gritos sufocados pelo passar da língua em todas as partes possíveis. Era o amor nos tempos de isolamento. A parede da sala, de um encontro de amigos, não permitiu a saída antes que o sol nascesse.

Por incrível que pareça, mesmo deixando claro que seria apenas um encontro de amigos, durou o suficiente para que ficasse na memória. Durou o suficiente para que se dessem força e vencessem seus medos e angústias. Durou o suficiente para que tomassem outros vinhos. Ouvissem

músicas. Comessem risotos. Falassem dos gatos: Belchs, Carlota e Cruela. E dormissem algumas noites juntos. Não com o intuito de ser eterno. Nem com o intuito de durar muito tempo. Mas era uma carência. Era uma solidão. Era o corpo pedindo abraço e as mãos pedindo carinho. Era como se precisassem um do outro por um curto período, mas o suficiente para que vencessem seus medos mais escusos. A alma esconde receios que por vezes desconhecemos, abrir-se para o amor é desbravar as entranhas das nossas existências.

Um dos encontros mais simbólicos foi para ver a lua, ou melhor, uma chuva de meteoros, inexistente aos meus olhos. Mas era um colo tão bom. Era uma mão que se encaixava na minha. Era uma coxa que pedia aperto. Era uma barba que me deixava doido. Pensávamos em viajar e desbravar o pequeno mapa do mundo. Falávamos de yoga e das necessárias terapias para não surtar em plena quarentena. Vai ser difícil esquecer que, durante a maior pandemia do século XXI, encontrei um colo que acalenta, uma boca que encaixa, um gemido que adentra nas profundezas e desperta a necessidade interior de proporcionar prazer, e ver o gozo da solidão a dois se misturar com os pelos.

Não sei dimensionar com exatidão se era amor, por isso preferimos, em comum acordo, deixar que o tempo dimensionasse, hoje já não sei o que é. Nem ele. Já passou o fogo que ardeu nos primeiros encontros, já diminuíram as conversas de dias inteiros, as coincidências já deixaram de existir. Fomos necessários um para o outro, enquanto a TV de última geração gritava para os nossos beijos: “ele tinha tanto medo de sofrer que preferiu ficar sem ninguém, mas na solidão sofreu por medo de sofrer por alguém, tinha tanto medo, mas o mundo viu, esconder o medo é guardar-se da chuva no frio”. Não há como esconder-se do medo por uma vida inteira. Foram sete anos acreditando que lotar seus horários de aulas era o suficiente, numa fuga incontrolável.

Esse encontro de almas durou o tempo suficiente para que pudéssemos nos conhecer, ouvir histórias e rever nossos sonhos e objetivos. Servimos um ao outro, viajamos juntos por diversas obras de arte e por incontáveis países. Os gemidos serão inesquecíveis, apesar de terem prazo de validade. É só mais um romance dessa quarentena, um encontro para fugir da solidão e poder segurar na mão de quem, por mais breve que seja, faça o bem um para o outro. Fará falta a companhia para os vinhos, os pés juntos enquanto os corpos separam. Os gatos que se encontraram. Mas também se separaram. A rosa e o medo provavelmente se encontrarão em distintos momentos dessa vida, com visões diferentes, talvez não tão rosa, talvez não tão medo. Provavelmente com menos receio e mais coragem para permitir que seus corpos, mesmo fora de padrões sociais, sejam templos para outros encontros, entre eles ou não.

Os tempos de quarentena são tempos de solidão, mas de permissão, de transformação e de mudanças. Passar tanto tempo em casa, sem tantos encontros e com receio de quem colocar dentro de nossos templos, é um tanto quanto assustador. É preciso estar atento e forte, mas tendo tempo de temer a morte, pois a morte está chegando cada dia mais próximo daqueles que sentimos carinho, afeto e até mesmo amor. Se não foi amor, não sei o que foi. Mas que foi belo, profundo e intenso, isso foi. E é isso que eu espero poder viver cada vez mais após esse longo período. Foi necessária uma pandemia, com mais de cem mil mortes no nosso Brasil, para que o medo permitisse que rosas brotassem em seu coração, depois de sete anos de pura solidão.

# HELENA E SEUS TOLOS

**Mateus Antônio Pereira de Paula**

Há algumas semanas, a vovó faleceu. Ficou presa por sete anos na casa do meu pai. Minha mãe quase não chorou e só pensou em arrumar um velório como antigamente. Meu pai, filho dela, chorou muito, como nunca tinha chorado e se trancou no quarto por um tempão, tentando esconder a dor que sentia. Minha tia, também filha, não disse nenhuma palavra depois disso e ficou assim. Meu irmão não entendeu nada e continuou a levar tudo normalmente, perguntando às vezes sobre ela. Eu só podia lembrar desses anos todos e como tudo aconteceu.

Minha avó sempre me chamava cedo, no mesmo horário, para ir pra escola. A gente tomava café da manhã e ela me acompanhava até a entrada, me beijando na testa sempre com um sorriso no rosto. Mas naquele dia as coisas foram diferentes. Acordei sozinha, ouvindo o barulho da TV alta e vi todos, papai, mamãe e vovó, assustados com a notícia de que uma perigosa doença se espalhava por todo o mundo. Sem entender, voltei a dormir, imaginando que aquele dia eu poderia faltar da escola. Porém, nunca mais voltei nela. Foi o primeiro dia dos próximos sete anos.

Ouvi que naqueles tempos meu pai era paranoico com o fim do mundo. Ano depois de ano, ele ouvia histórias de coisas ruins que poderiam acontecer e isso deixava ele sempre em alerta. Percebi que tudo tava piorando quando ele voltou para casa no segundo dia, tremendo e apressado, trazendo vários enlatados e mantimentos. Enquanto guardava tudo num depósito, minha mãe gritava cheia de ódio, que aquilo não era preciso, que tudo ficaria bem, depressa. Meses passaram e tudo piorou.

A gente só podia sair de casa com máscaras e tínhamos que evitar qualquer tipo de contato físico com outra pessoa. As escolas estavam fechadas, as viagens canceladas etc... Durante meses, sair de casa era arriscado, mas ainda possível. Minha mãe teve seu serviço transferido para casa. Ficava o dia todo no computador, planejando e dando aulas. Ela era professora. Meu pai continuava trabalhando com as mãos em casa. Minha avó ficava comigo quase o dia todo, me impedindo de saber toda a verdade.

As coisas tinham mudado, mas ainda era quase a mesma rotina. Numa manhã, eu tinha acabado de tomar café da manhã com a vovó e procurava minha mãe. Sabia que era provável ela estar trabalhando, cansada e sem atenção pros meus abraços melados. Mas eu também sabia que todos os dias em que insistia, sempre ganhava sua atenção. Ela parava tudo o que tava fazendo e prestava atenção em mim e nos meus carinhos. Só que naquele dia, ela não tava sentada na mesa de trabalho. Daí eu pude ouvir, perto dali, um gemido baixo e triste. Segui o som até o banheiro e me deparei com a minha mãe no chão, com algo na mão, que parecia um termômetro. – Mamãe, você tá doente? – Perguntei. Conformada, ela me contou que tava grávida.

Meu pai contente, sorria e fazia festa. E ele ficava lindo sorrindo! A vovó aplaudia, o que ela chamava de milagre no meio da desgraça. Eu achei meio exagerado, mas e daí, meu irmão tava chegando. Meu pai levou a minha mãe pro hospital, sendo ele e ela os únicos que podiam sair de casa, porque papai queria evitar qualquer perigo. Ficaram no hospital até o bebê nascer. E olha que chegou mais rápido do que uma criança como eu poderia imaginar. Depois, em casa, os adultos diziam que agora seriam tempos de planejamentos e esperança. Meu irmãozinho tinha nascido bem, com mais quilos que eu no meu nascimento e com uma cara de quem não sabe o que tá fazendo da vida. Ele não sabia mesmo! Fiquei feliz por não ser a única criança lá em casa e ainda teria com quem dividir as minhas próprias birras, com as quais os adultos não se importavam tanto. Não em meio ao caos do mundo.

Porém, não fiquei tão feliz por muito tempo. Mamãe chegou diferente em casa. Ela tava mal. De cabeça baixa, triste e sem nenhum brilho no olhar, igual eu quando queria chorar. Todo mundo tava feliz, menos ela. A vovó e o papai ajudaram ela o máximo que conseguiram, mas as coisas não melhoraram. Um dia, tentei animar ela, então planejei uma aula pra ela ficar feliz de novo. Fiquei na frente dela durante cinco minutos e consegui apenas um pouquinho de felicidade. Mamãe tava mal mesmo.

Naquela noite todo mundo acordou, até eu, com mamãe chorando e gritando bem alto. Papai colocava seu corpo perto do dela e protegia ela com seu abraço, enquanto vovó me tirava do quarto. Demorou, mas depois de algumas semanas, mamãe finalmente conseguiu abraçar meu irmão, como não tinha feito ainda. Daí sorriu e eu chorei abraçando ela. Como ela tava feliz, eu também podia tá.

Tudo voltou de novo à rotina de sempre, mesmo com o meu irmão. Como fazia comigo, vovó tomava conta dele, mesmo cansada. Mas depois de quase um ano, mais alguém chegava lá em casa. Pelo o que ouvia dos adultos, minha tia e o namorado tinham sido jogados na rua por não pagarem as contas. Ela cuidava de cabelos e perdeu o emprego bem no começo do isolamento. Ninguém queria arrumar o cabelo com medo. Papai, que era seu irmão, não quis deixar que ela ficasse na rua. Daí ele convidou ela pra morar aqui em casa até o fim de tudo isso. Ela veio e trouxe o namorado.

Minha tia era alegre e sempre trazia presentes pra mim. Antes do isolamento trazia balas e doces, além de brinquedos antigos, que eu adorava ganhar. O seu namorado, o Maumau, era mais alto que papai e mais sério que mamãe. Eu ficava assustada. No dia da chegada, minha tia insistiu que eu chamasse ele de tio, mas eu nunca chamei. Meu irmão ria e ,se já falasse, não ia se importar de chamar ele de tio, tenho certeza, mas eu nunca quis, mesmo sem entender o porquê.

O tal do Maumau era sério, mas também legal. Vivia jogando conversa fora com papai. Mamãe não confiava na minha tia, menos ainda nele. Mas logo ela não resistiu ao seu charme e simplicidade. Vovó nunca deixou de desconfiar dele, que às vezes ria escondido da minha tia. Ela era esperta demais para cair na sua lábia. Já eu, jamais havia brincado com o Maumau. Porém, eu era criança e não podia deixar de me divertir com a oportunidade de ter um amigo ali mesmo em casa. Meu irmão brincava comigo, mas era muito novo para brincar de outras coisas mais

legais, então Maumau fez esse papel. A gente brincava o dia inteiro e em todo lugar e, apesar de tudo, todo mundo continuava feliz.

Um dia acordei e percebi que o Maumau tava brincando comigo, apesar de eu tá dormindo. Não entendi aquilo muito bem, mas desconsiderei, quando ele disse que era a nova brincadeira. Brincar escondido de todos era chato e eu começava a me sentir muito triste. Quando eu disse que contaria pra mamãe, ele me impediu, dizendo que ela me daria bronca. Dias passavam e eu mais mal ficava.

Depois de algum tempo, achei melhor trancar a porta do meu quarto, me sentindo sozinha e coagida. Fechava os olhos e buscava esquecer de tudo, mesmo sem entender nada. Nada tirava aquelas coisas da minha cabeça e, mesmo sozinha, não conseguia parar de pensar em todos aqueles meses em que a amizade de um adulto foi tão ruim. Brincava e as cores perdiam a cor. A única coisa que me afastava daquela situação era o abraço de manhã da vovó, que me acolhia feliz e com o sorriso no rosto de sempre.

Todos os dias eu encarava, sem saber, aquele lobo fingindo ser ovelhinha. Poxa vida, crianças leem fábulas, mas não enxergam elas na realidade das coisas. Meu pai e minha mãe trabalhavam o dia todo e de vez em quando vinham até mim, procurando um dia normal que uma criança teria. Às vezes pensava que a doença não poderia ser mais estranha do que aquela sensação de medo. Sozinha em casa, aonde a única saída era a fuga.

O mundo ainda continuava travado, mas imaginei que não tava tão ruim lá fora. Eu tinha doze anos e decidi fugir pra bem longe! Vi num filme que usavam lençóis pra descer de um prédio e gostei da ideia. Meu quarto tinha só uma janela, que ficava no terceiro andar de um pequeno predinho, mas só os meus lençóis não dariam altura até o chão. Fui em busca de mais. Saí do meu quarto, passei pelo da minha mãe e do meu

pai, depois pelo da minha avó, sem ser vista. Mas ainda precisava de mais, tinha que pegar os do quarto da minha tia e do Maumau. Travei. Ele não me chamava para brincar na presença da minha família, mas entrar em seu quarto sozinha era confuso e estranho.

Percebi que não tinha ninguém no quarto naquela hora e que ele tava na cozinha com minha tia. Mesmo com medo segui até lá, peguei os lençóis e corri o mais rápido que consegui pra sair de lá. Mas, antes de sair, vi uma coisa que me chamou atenção. Era a foto da minha mãe no banho. A foto tava embaixo do travesseiro dele e parecia bem recente. Será que a minha tia não tinha visto aquilo? E minha mãe teria deixado ele tirar a foto? Apesar que ela sempre me disse que eu não podia tomar banho com ninguém que não fosse ela ou a vovó. Peguei a foto e voltei pro meu quarto.

Eu tava confusa e a ideia de fugir passou um pouco. Minha mãe ficaria bem, sozinha com esse homem? Fiquei preocupada e quis saber o que ela achava da foto. Ela tava na sala. Cheguei, sentei do lado dela e, depois de um abraço quente e demorado – conferindo seu coração e todas as suas tristezas – levantei a foto até ela conseguir ver. Surpresa e com medo, na hora pegou a foto da minha mão e quis que eu explicasse aquilo: – O que isso significa, Helena? Você tirou essa foto minha? Por quê? Ai eu só disse onde ela tava e eu tinha achado. O suficiente pra uma briga gigante.

Minha tia não acreditava que ele era capaz daquilo. Meu pai tava surpreso e não conseguiu reagir de jeito nenhum. Minha avó, espumava de raiva pela boca e me abraçava, tentando tapar meus ouvidos. Pra piorar, Maumau negou tudo e tentou jogar pra cima de mim, me acusando de malcriação. Minha mãe não podia suportar aquilo, mas eu sabia que era hora de contar sobre as brincadeiras que me deixavam tão confusa e estranha. Conteí. Todos olhavam pra mim como se eu fosse ingênuo demais para entender tudo. Pior que era verdade.

Meu pai não se segurou depois de saber disso e partiu para cima do Maumau. Eu nunca tinha visto meu pai tão bravo. Foi a primeira vez também que via alguém com tanto sangue na cara daquele jeito. Meu pai tava triste e dizia que não tinha conseguido proteger sua própria filha, na sua própria casa. Mas ele não tinha culpa, eu que queria um amigo pra brincar e não sabia que ele seria mau comigo. Minha tia, sabendo de tudo agora, não conseguiu fingir que não tava chateada com a maldade dele e daí finalmente eu entendi um pouco mais do que as pessoas eram capazes. Eu e minha mãe fomos machucadas, era o que diziam, e eu, mesmo não entendendo tudo, só pude concordar.

Colocaram ele pra fora, na rua. E ele jamais voltaria a ver a gente de novo. Eu não sentia saudades nenhuma, tava mais leve, e não precisei trancar minha porta de novo. A minha tia sentiu saudades por alguns meses e aí trocou os beijos do namorado ruim pelos goles de uma bebida antiga, que meu pai não deixava eu chegar perto. Ela ficava o dia todo abraçada com aquela garrafa, igual ficava com o Maumau. Minha avó tava devastada desde quando soube das brincadeiras. Não me deixava sozinha nunca. Minha mãe limpava o choro toda vez que eu chegava perto e fingia tá feliz, pra que eu não fizesse perguntas. Tudo o que eu não tinha antes, agora recebia demais. Meu pai também mudou, só que se afastando e evitando olhar pros meus olhos, como sempre fazia quando falava comigo. Ele precisava entender as coisas, como minha mãe e minha tia, e como eu. O tempo passou bem devagar, mas passou.

As coisas tavam mais ou menos normais dentro de casa, mas as notícias da TV diziam que existia um grande problema. A gente não podia mais andar nas ruas, de jeito nenhum. Ficamos totalmente trancados, sem direito a nada. Ouvia isso na TV, mas olhava pela janela e tudo me parecia normal, com as ruas cheias de pessoas. Daí depois de alguns dias as pessoas foram sumindo, algumas caíam no chão e não andavam mais. Eu achava que tavam com sono.

Outros meses passaram e nenhuma pessoa andava mais nas ruas. Os jornais já não passavam notícias e todo mundo se sentiu mais preso ainda. Que droga! Pra piorar, eu lembrava do passado e não conseguia dormir fazia tempo, e aí passei a dormir no quarto dos meus pais. Além de mim, meu irmão também vivia lá e quase não tinha espaço pra todo mundo. Fui dormir com a minha avó, que dormia sozinha desde sempre. Daí foi em uma noite dessas que ela me lembrou do meu aniversário, que seria na outra semana. Eu tinha esquecido que a gente fazia aniversário, de verdade. Os últimos foram confusos, já que todo mundo só andava com medo e preocupado com tudo. Como fazer festa de aniversário de criança se nossa vida era tão assustadora?!

Minha mãe já não trabalhava fazia tempo, desde o nascimento do meu irmão. Eu entendia que o trabalho já não trazia toda a alegria que ela procurava. Acho que por isso que ela quis tanto fazer uma festa de aniversário pra mim. Meu pai, que vivia sozinho, não quis nem ouvir o que dizia, já que ela queria sair pra comprar coisas. E ele não podia deixar ninguém sair de casa e se arriscar. Ele ainda se sentia culpado por aquelas coisas. Minha avó teve a ideia de usarmos o que tinha em casa, mas minha mãe era teimosa que nem eu. Ela precisava sair mais por ela, do que pela festa mesmo, eu já sabia.

Do meu quarto só consegui ouvir uma discussão barulhenta. Não queria atrapalhar ninguém, muito menos que brigassem por minha culpa. Tudo ficou quieto e minha mãe se acalmou. Meu pai na mesma hora buscou uma corrente bem grande e passou por toda a porta, trancando ela, pra impedir que fosse aberta. Todo mundo entendia que sair de casa não era uma opção. Eu só pensava que dormir na rua parecia estranho, além de poder ficar doente. Mesmo que achassem que não, eu sabia que meus pais não se gostavam mais. Tiraram os anéis dos dedos e minha mãe foi dormir comigo e minha avó.

Na semana seguinte, as duas fizeram uma festinha incrível com as poucas coisas que sobravam do armazém. Minha tia participou pouco e logo em seguida sumiu da sala. Cada olhar que ela dava pra mim parecia doer nela. Meu pai não participou, mas depois da festa trouxe um presente. Era o antigo relógio do meu avô, que tinha muito valor pra ele. Daí ele pediu desculpas por tudo que não pôde fazer e pelo que tinha feito também, me deu um beijo demorado na testa e me desejou feliz aniversário. Eu senti que a gente tava feliz, apesar de sozinhos.

Apagamos as luzes por algum tempinho. Mas depois eu acordei com barulhos de passos. Vovó tinha dormido pra sempre. Agora entendia que quem dormia nas ruas não acordaria de novo. Ainda bem que ela teve seu último momento sorrindo com a gente, depois de passar o dia todo feliz por poder me dar aquela festinha incrível. Não dormi mais àquela noite, fiquei ali com ela e com todos os outros. Eu olhava seu rosto e lembrava do passado. Minha mãe tava anestesiada e meu pai isolado no quarto. Minha tia tava quieta e meu irmão brincava no chão.

Minha avó foi tudo para mim. Era minha cuidadora e tava em todas as minhas manhãs. Era mais forte que todos, até eu, e não teve medo da vida que viveu, como ela mesma dizia. Antes do isolamento, enfrentou coisas mais estranhas que as minhas, tristezas tão chatas quanto da mamãe. Sabia sempre a hora certa de acalmar o coração acelerado do papai e protegia minha tia de todas os caminhos errados que ela entrava, por vontade própria ou por vontade de outra coisa. Minha avó era a mãe de todos de casa. Sem ela, todos ficavam perdidos e sozinhos nos seus quartos.

Minha mãe só pensava em um velório digno pra vovó. E conseguiu. Depois de usar suas últimas forças nos preparativos, parou em todos os sentidos, não saía do seu quarto, e comer não era tão necessário quanto antes. Refletia tanto sobre ela mesma, sozinha e ansiosa. Ela errou muito, eu sei, mas acertou muito também. Devo a vida a ela e a minha vontade

de querer fazer o que ia fazer. Amei tanto ela que cada abraço – mesmo que custoso – valia um toque no meu coração.

Meu pai, às vezes... sempre, na verdade, entrava em crises e não conseguia respirar. Vovó era a única que conseguia dar o ar que ele sempre precisava. Ele era o tipo de homem que queria proteger todo mundo, mas que agora precisava ser protegido, abraçado. Abracei tanto, mais tanto ele, que vi nele um sorrisinho leve e envergonhado aparecer. Tentei dar todo o amor que precisava e quis proteger ele como a vovó fazia. Ia levar comigo o seu presente de aniversário valioso, mais ainda agora, porque era do meu pai.

Minha tia, triste por muito tempo, não deixava ninguém chegar perto. A garrafa tava vazia fazia tempo e cada vez menos eu via a sua alegria característica. Ficou sozinha também e não olhou mais pra mim. Acho que ela se escondeu de todo mundo por ter ficado com vergonha de ter trazido uma pessoa ruim pra dentro de casa, mesmo que não fosse culpa dela. Tudo piorou ainda mais quando a vovó se foi. Minha tia nunca mais falou nada, pelo menos que eu saiba.

Meu irmão tava bem, apesar de tudo. Ele brincava sozinho e parecia gostar disso. Melhor assim. Não precisou ver coisas que crianças não podem ver. Hoje eu sei de tudo, entendo o que aconteceu comigo e isso me fez mais como a minha mãe, meu pai, minha tia e minha avó. Até o final de tudo ele vai entender também o tanto que foi importante pra todo mundo, principalmente pra mim, que sabia que o seu futuro tava agora comigo. Eu por ele, ele pelos outros.

Precisava sair de casa, por mim e por todo mundo. Queria ir atrás da esperança e aí trazer ela pra eles. Imagina só como eles iriam ficar felizes se eu chegasse em casa com ela no colo? Tudo seria incrível, era só não dormir na rua! O isolamento acabaria e todo mundo ia poder correr nas ruas, abraçar e sorrir juntos. Todos da minha família iam ter a chance

de viver sozinhos, distantes, pra depois se unirem como sempre foi e sempre deveria ser. Esperança era uma palavra tão bonita, era o que eu ouvia sempre dos adultos, mesmo que nunca tivesse visto ela.

Eu sabia como fugir, era só seguir o plano da última vez que tinha pensado nisso e não ser descoberta. E foi assim que escapei! Peguei máscara, luvas, roupas fechadas e qualquer coisa que pudesse me proteger do ar perigoso. Joguei lençóis e mais lençóis da janela e eles me seguraram até no chão. Pisei nele com medo do pior, mas não aconteceu nada. Caminhei escondida pelas ruas paradas e vi as pessoas no chão que fediam e pareciam tá lá há muito tempo. Continuei seguindo, tentando achar algum lugar que pudesse encontrar ela. O céu tava mais claro do que eu me lembrava, as ruas tavam cheias de matos e árvores. Não tinha nada igual antigamente, mas nada me assustava como tinha ouvido que seria antes na TV.

Tive que dobrar várias esquinas, subir ruas e não encontrava nada. Ficou de noite rápido e tudo ficou escuro. Não fiquei com medo, já que tinha o costume de ficar no escuro, às vezes. Tava frio e eu tremia muito. Não consegui aguentar e decidi sentar no chão, me encostando em uma parede velha e cheia de buracos. A esperança não ia sair de onde tava, mesmo que eu não achasse ela. E aí a noite foi embora e eu dormi. Daí mais outras três noites também. Fiquei com fome e sede e na quarta noite meu corpo caiu, igual o daquelas pessoas.

Acordei. Graças ao relógio do papai e vi que tinha passado um tempão. Era noite de novo e tinha um clarão bem na minha frente. Era branca e brilhante e não tinha som. Parecia calma. Consegui ter força pra me levantar e seguir ela até o seu fim. Entrei e vi que tinha finalmente encontrado o que tava procurando pelas ruas. Era a esperança, que me puxava como um ímã, como se eu fosse dela. Então eu fui e deixei que ela tomasse conta de todos. A esperança existia e tava mais perto do que todo mundo podia imaginar.

# MÃE DE PRIMEIRA VIAGEM

**Daniele Helena Bonfim Borges**

Minha quarentena iniciou junto com o fim da minha licença maternidade. Em período de medos e incertezas... Arthur – meu pequeno – não comia muito bem a papinha, não tinha começado a utilizar a mamadeira por medo de ele não querer mais o peito. Não sabia como seria. Havia o alívio por mais um tempo com ele e o medo por uma doença que ninguém conhecia.

Eu realmente não posso reclamar, tenho aprendido tanto neste tempo em casa... sempre me vi como uma pessoa sem paciência, com muitos pontos de melhoria, a maternidade me gerou uma grande mudança e a quarentena mil outras.

Mas vamos iniciar pela licença.

Eu achei que os seis meses seriam lindos, tempo para eu me organizar, tempo para rever meus projetos, no final foi uma bagunça! Dar de mamar de 2 em 2 horas, no intervalo de uma e outra, às vezes, dava tempo de arrumar algo para comer ou lavar a louça que se acumulava e me deixava louca.

A casa nunca ficou um dia limpa, tudo era feito aos poucos, já viu, né? Tira pó na segunda e na terça ele já voltou. Varre na terça de manhã e de tarde o chão já precisa de vassoura de novo. Assim, respirei fundo e deixei. Não podia pirar. Deixei rolar, fazia o que dava e me dizia todo dia: “isso é temporário”.

Eu acordava de 2 em 2 horas de noite também; sim! Ele mamou e mama muito! Pensa em uma pessoa que era só o pó! Fiquei mais lenta, queria dar atenção a ele e fazer mais mil coisas, percebi que não podia abraçar o mundo. Aprendi sobre prioridades.

À medida que minha licença acabava, eu pensava que seria bom ter um tempo só pra mim, já que eu não consegui nem caminhar meia hora por semana (sim, era uma meta, mas quando tinha alguém pra ficar com

ele eu queria tomar banho – lembrem-se de que ele mama de 2 em 2 horas, mama durante meia hora, sobrou uma hora e meia pra fazer algo ou dormir com ele).

A notícia de uma quarentena me confortou porque tinha medo de deixá-lo só (sem mim por perto, lógico que alguém cuidaria dele), mas me privava de momentos só meus, sociais e fora de casa. Eu já tinha 6 meses de “quarentena”, precisei preparar a mente, mais quanto tempo trancada em casa?

Você deve estar se perguntando: não saía com a criança? Vamos lá: moro em apartamento, ganhei um carrinho pesado e descer a escada com o carrinho e ele no colo não dava. Os dois primeiros meses mal saía (só casa da minha mãe e sogra), fiz cesárea e cumpri a quarentena e mais um pouco com medo de abrir algo (pode rir).

Então vamos a pé com ele no colo? Vamos! Tenho problema de coluna, faço exercícios de alongamento (e só, nada de academia, caminhada, pilates...), quando ele chegou a 7 quilos, e isso foi quando completou os 4 meses, eu já não aguentava andar muito sem travar a coluna.

Realmente? Foi o resultado de um sedentarismo e de não cuidar mais de mim. É, desleixo! Eu sei! Mas agora não posso mudar o passado. Ele nunca foi fã de carro, acho que gosta da vista e não tem como ver muito estando preso em uma cadeira. Arrumei então brincadeiras para fazer em casa.

Com a quarentena, não poder sair ficou não tão difícil, ainda mais ele com 10 quilos. Ele ama colo, carinho e fica grudado comigo. Trabalho em casa, assim ele continua grudado, continua mamando. O desafio agora é dar conta do meu trabalho e dele.

Já ouvi que quando cresce fica mais fácil, mas percebi que os desafios mudam. Deixá-lo em frente a uma TV seria mais fácil, mas não quero,

sabe aquelas mães neuróticas que leem mil artigos? Sim, eu me tornei uma dessas.

Aos poucos percebi que não tinha como fazer tudo “certo”, ou exatamente como eu queria. Me forcei a mudar priorizando o que eu podia e achava mais importante. Ele vê televisão de vez em quando, mas não o dia todo. Ele já experimentou bolo e bolacha (não a recheada!), a comida às vezes é a mesma que a minha então tem sal (pouco, porque eu sempre fui assim – esqueço de colocar ou não tenho noção, então melhor errar pra baixo).

Peço socorro a minha mãe que mora do lado quando eu vejo que não vai dar, faço reuniões com ele no colo; faço almoço vendo reuniões/cursos, anotando o que é importante, vigiando o pequeno. Acordo antes dele, tomo o café (único momento de tranquilidade), faço o que não dá para fazer com ele por perto.

Meu esposo está trabalhando meio período, de manhã até me ajuda, mas ele não pode dar de mamar, rs... E por costume, o Arthur não pode me ver que pede meu colo. Há também um misto de incertezas, já que trabalhar meio período o trouxe mais para perto dos afazeres de casa e de um salário menor.

Eu comecei então a questionar minhas metas, mais tempo em casa me levou a olhar o mundo com outros olhos. Eu, que já não gostava de aglomeração, percebi a paz que tenho ao não “ser imposta” a certos compromissos sociais.

Agora tenho a desculpa perfeita para não fazer a festa de um ano: não tem vacina ou não está todo mundo vacinado. Você pode estar se perguntando: como assim? Desde os 10 anos nunca amei festa minha, passar de mesa em mesa, ser social, “ter que convidar fulano”, gastar dinheiro para as pessoas acharem defeito.

Sempre preferi uma viagem, um tempo meu, livros. Não estou dizendo que ele nunca terá uma festa, terá se ele quiser quando já puder pedir e “lembrar”. A sociedade precisa ser mais compreensiva. Um “eu não quero” deveria bastar, em vez de um longo diálogo onde temos que justificar algo que não gostamos/queremos.

Eu sempre tive que justificar o não querer festa de 15 anos, casamento... Você já teve que justificar algo só porque a pessoa queria que você fizesse? Como foi para você? Porque eu sempre quis abrir um portal e sair dali.

Outro ponto que amei foi me afastar de pessoas que não me faziam bem. Percebi que ando mais leve. Converso com quem quero, estou me preparando para uma volta social onde eu irei me impor mais. Esse “me impor” é no sentido de não ir quando não quero. De sentar-me longe de quem não me faz bem. De não chamar para minha casa (nem atender o interfone) de quem não agrega. De ter ao meu lado pessoas que apoiam, puxam a orelha quando necessário, compreendem minhas metas e respeitam. Você tem pessoas assim do seu lado?

Eu percebi o quanto sou mais feliz com as pequenas coisas, me desfiz de algumas tralhas. Já reorganizei minha estante 3 vezes. Tem lembretes por toda a casa para novos hábitos. Quero que esse tempo seja de mudança.

Percebi que reclamar não ajuda em nada. Eu ainda reclamo, contudo, agora, eu observo a situação e pergunto o que eu posso fazer para mudá-la, se nada posso fazer (como no caso da pandemia, eu não saberia fazer uma vacina, mas posso ficar em casa e só sair pro essencial) me adapto, agora se eu posso fazer algo eu converso comigo mesma. Sim. Conversar.

Às vezes falo alto e quem vê pode pensar: ali a louca. Mas é uma conversa franca, se eu posso e nada vou fazer sei que não tenho mais o direito de reclamar. Acredite. Tomar atitudes em certas situações me deixa tensa. Falar certas coisas me deixa desconfortável.

A minha última fala desconfortável foi: quem sabe o que posso ou não gastar sou eu, gostaria de ser respeitada e não questionada. Acredite. Eu sou/era o tipo de pessoa que escuta, não rebate, não gosto de discutir e gastar saliva com certas coisas. Percebi que isso fazia com que as pessoas despejassem em mim enxurradas de palavras que me incomodavam, que muitas vezes me faziam mal.

Não está perfeito ainda, estou me reeducando, ouvindo mais, aprendendo quando falar e como falar. Fiz um curso de comunicação não violenta. Não quero ser a mal educada, mas serei mais fiel a mim, aos meus princípios, à minha meta de vida.

Você já ouviu algo que quis rebater? Frases cheias de preconceitos, carregadas de julgamentos e ódio, com preceitos errados, baseados em *fakes*... Sei que parece não ter alternativas além do silêncio em muitas dessas vezes e, de fato, em algumas situações realmente só o silêncio salva.

Por isso aprender. Estou lendo mais, buscando mais, tentando mais. Acordo muitos dias com desânimo total: casa para arrumar, bagunça em todo canto, lista de tarefas, trabalho, meu pequeno precisando de mim.

Já chorei. Já perdi sono. Já gritei e foi ótimo! Já saí de madrugada (6h da manhã) para andar no silêncio das ruas. Já fiz planos. Chorei mais. Já joguei os planos no lixo. Já refiz planos. Já fiz exercício em casa. Já faxinei a casa arrastando móveis e lavando tudo o que dava. Já fiquei uma manhã inteira só por conta do Arthur. Já dei umas surtadas e depois tomei café. Já me agradei com um maravilhoso almoço e depois quis morrer por ter que lavar a louça. Decidi viver um dia de cada vez, mas não paro de fazer lista de tarefas semanais...

Tem hora que acho que estou deixando de saber lidar com as pessoas. Olho comentários em redes sociais e tenho vontade de dar uns tapas em alguns. Não está fácil, para alguns é até mais complicado do que para

outros. Eu tenho emprego, quem perdeu e não tinha uma reserva deve estar a mil agora para viver, buscando, tentando, pedindo.

Ninguém diz para nós que vida de adulto é um eterno corre-corre onde, caso não tenha atenção, perdemos o melhor e nos afundamos. É preciso pagar as contas, viver e sonhar. Mas o equilíbrio é uma ilusão. Cada hora penderás para um lado e deverás aproveitar esse lado ao máximo.

Não sei como está sua vida, eu agradeço todos os dias e tento me organizar para, quem sabe, ajudar alguém. A ajuda pode não ser financeira, pode ser um ombro para chorar, desabafar. Pode ser ir ao supermercado para alguma vizinha mais idosa ou para minha avó.

Estou, aos poucos, aprendendo a não julgar tanto o outro – *eta trem difícil* –, dialogar mais, perguntar mais. Isso me colocou em situações onde eu nunca imaginei estar. A empatia é a coisa mais complexa que existe.

Não irei me estender mais. Desejo a todos a força necessária para dar um passo de cada vez sem afobação, percorrendo assim uma maratona sem hospitalização. A calma e a paciência para resolver os problemas sem se meter em outros. O discernimento para melhores escolhas e para dizer não quando necessário.

Que possamos passar por isso juntos como unidade e humanidade, não como inimigos ou concorrentes.

# VIZINHANÇA

**Nayara Noronha**

Luto com o sono, em frente ao computador, brigando com os prazos de entrega dos trabalhos acadêmicos. Acreditei que a pausa da vida cotidiana externa era o que precisava para estudar, mas tudo dentro de casa parece mais interessante. O serviço doméstico é infinito e uma excelente desculpa para a procrastinação. Arrasto os móveis para fazer faxina; esfrego os rejuntas dos azulejos do banheiro com escova de dente; arrumo os armários da cozinha organizando os potes por tamanho; testo receitas novas de programas culinários congelando pequenas porções para o futuro; passo as roupas que não irei usar tão cedo; separo aquelas que não uso mais para doação; tiro o pó das estantes de livros e me perco folheando meus autores preferidos. À noite, cansada, a culpa cobra as palavras que não escrevi. Ninguém quer saber que me tornei uma exímia dona de casa.

Cá estou diante da página em branco, quando sou interrompida por vozes alteradas. Os vizinhos do lado estão brigando outra vez. Nestes dias que estou em casa, descobri quão barulhenta é minha vizinhança. Televisão. Rádio. Orações. Portas batidas. Latidos de cachorros. Mães berrando por seus filhos, em vão. O condomínio todo parece ouvir uma eterna *live* sertaneja.

A briga do 103 continua. Estão falando alto, rápido, não os compreendo bem. A voz da mulher resmunga algo e imagino escutar o homem dizer “cala essa boca, sua puta!”. Discussões seguidas de choros e gritos. Estou assustada. As vozes ficam um pouco mais nítidas. O homem continua esbravejando com a mulher. Permaneço em alerta, paralisada, até um estrondo abafado eclodir na parede da minha sala. Quem grita agora sou eu. Num impulso, saio do meu apartamento em direção à vizinha. Toco a campainha e percebo que estou de pijamas.

— Quem é? – Pergunta uma voz masculina.

— A vizinha do lado.

— Um minuto. – Uma fresta da porta se abre e o homem coloca seu rosto para fora. – O que você quer?

— Desculpa incomodar a essa hora – Sem graça, não sei o que dizer.  
– Ouvi um barulhão no seu apartamento e vim ver se está tudo bem.

— Sei, você mora sozinha, né?

— Só vim saber se posso ajudar. Está tão tarde para barulhos, não acha?

— Está tudo bem. Vai cuidar da sua vida!

Bate a porta na minha cara e fico ali no *hall* do andar, sem me mover, até os sensores de luz apagarem. Volto para casa me sentindo ridícula. Por que eu fui bater na porta dos outros tão tarde? Fiz um escarcéu por nada? O que eu tenho a ver com a vida dos vizinhos? Nem os conheço direito. Troquei poucas palavras com a mulher e o filho. É uma vizinha simpática e o menino, tímido. Nunca entramos no apartamento uma da outra. Do suposto pai, devo tê-lo visto três ou quatro vezes, no elevador ou na garagem. É caladão, mal me cumprimenta com um aceno de cabeça. Acho que ele trabalhava à noite, já o escutei chegando em casa de madrugada. Sento à mesa e tento retomar o trabalho. Minha garganta ainda pulsa de adrenalina. Não consigo escrever nada daquele jeito. Fecho o *notebook* e vou para a cama.

Deitada, observo as sombras do quarto projetadas pela fraca claridade do abajur. Folheio o livro de cabeceira sem prestar atenção. Desligo o interruptor, viro para o lado, afofo o travesseiro, puxo o cobertor até o pescoço, fecho os olhos e sou tomada pela ansiedade. Fico relembrando o barulho na parede, as vozes alteradas, o xingamento de puta ecoando como se fosse para mim. Sem encontrar uma posição, me remexo toda na cama e, no escuro, escuto uma batida na porta. Olho o relógio e são quase duas e meia da manhã. Devo estar imaginando coisas, quem bateria

em minha casa essa hora? Ouço outra vez, agora mais forte. Será que é o vizinho vindo tirar satisfações? Levanto da cama e vou caminhando com cuidado até o olho mágico, fico na ponta dos pés para alcançá-lo e vejo a vizinha com o filho nos braços. Abro a porta e ela, com o dedo indicador na boca pede que eu não faça barulho. Sussurro um “entre” e ela adentra minha sala com uma criança adormecida. Sinalizo para que ela coloque o menino no sofá e ela obedece. Livre do peso, ela segue em direção à cozinha como se já conhecesse minha casa. Incomodada, ofereço algo para beber.

— Aceita uma água? Um suco? Um chá?

— Está tarde para um café, né?

Estava, mas faço mesmo assim. Não vou conseguir dormir de qualquer maneira.

Ficamos as duas em silêncio, enquanto ela observa meus movimentos. Coloco a água para ferver, o filtro de papel no coador, as duas colheres do pó preto, as bolhas da fervura, o aroma exalado no ar. Sirvo uma xícara para ela, outra para mim e me acomodo no banquinho ao seu lado. Deixo o calor da porcelana aquecer minhas mãos e ela, sem me dirigir o olhar, começa a falar sem parar.

— Bem, vim aqui me desculpar por mais cedo. Pela gritaria, pela barulheira, pela forma como meu marido te tratou. Esperei ele dormir para vir aqui. Esses últimos tempos não têm sido fáceis. Eu parei de trabalhar logo que o menino nasceu e acabei virando dona de casa. Antes, eu trabalhava com moda, era assistente de modelagem, estava indo super bem, empresa grande, sabe? Mas aí Miguel nasceu, meu salário não compensava a ponto de deixar ele com estranhos ou pagar uma creche integral. Também a rotina na fábrica era muito estressante, tudo tinha que ser feito para ontem, trabalhava muitas horas extras que não combinavam com ser mãe. Acabei saindo. Achei que seria melhor poder

acompanhar os primeiros anos do meu filho e depois voltava para o mercado de trabalho. Não voltei. Aí, então, o Sérgio perdeu o emprego. Não agora, há uns dois anos atrás e abriu uma cervejaria artesanal com três amigos. No início, eles fabricavam no quintal de um dos sócios e vendiam pela internet. As coisas estavam indo bem, eles resolveram expandir e pegaram um empréstimo para alugar um galpão para a fabricação. Abriram até um bar na parte da frente. Isso foi em dezembro do ano passado, um pouco antes do natal. Em janeiro, eles trabalharam feito uns loucos! Sérgio só chegava em casa de madrugada. Ele até parecia feliz, mas eu nem tanto, porque com a cervejaria, Sérgio, que já bebia muito, passou a beber muito mais. Aos finais de semana, às vezes, nem voltava para casa. Passamos a semana do carnaval inteira sem vê-lo. Dizia que era “o olho do dono que engorda o gado”. O gado deve ser ele que está com a barriga cada vez mais redonda. E eu continuava sozinha com o menino, inventando mil desculpas pela ausência do pai. Aí veio essa quarentena e ele passou a ficar em casa o tempo todo. Não estava acostumado com a gente, com a nossa rotina. Nós também nos desacostumamos dele. Nos primeiros dias de isolamento, tentou trabalhar de *home office*, ocupou a sala toda como se fosse seu escritório. Precisava de espaço para refazer estratégias, negociar prazos, vender *on-line*. Miguel não podia fazer nada que atrapalhava. Não tem a mínima paciência com o menino, implica com tudo que o filho faz e me culpa por não saber criá-lo. Miguel quando não está vendo desenho, passa horas montando Lego. É um bom menino, quase não me dá trabalho, quem me cansa é o pai.

Faz uma pausa para ganhar fôlego e eu continuo sem saber o que dizer. Não esperava por uma confissão em plena madrugada, contudo já não consigo me desligar da história da vizinha.

– Depois, começou a se estressar com os governos. Com o prefeito que mandou fechar o comércio, com o governador que incentivava a população a ficar em casa e passou a dar razão ao presidente, fazendo

coro às barbaridades ditas pelo sujeito. Virou um militante frenético contra o isolamento no Twitter e só não reabriu o bar porque os outros sócios interviram. Aí foi uma novela. Passavam horas em reunião por vídeochamada discutindo sobre o futuro perdido do negócio e terminavam xingando uns aos outros. Atolados em dívidas, não tinham nenhuma reserva para atravessar a crise. Nesse meio tempo, Sérgio transformou nossa casa também em um depósito de cerveja, “vai que alguém peça para entregar” e, não vendendo a bebida, passou a enxugar seu estoque. Fui me cansando do jeito como ele tratava o filho, como ocupava a casa que parecia ser só dele, como só se preocupava com seu botequim, como se lixava para as mortes que só aumentavam a cada dia, como defendia aquele genocida. Sabe, comecei a sentir nojo daquele homem com quem eu dividia a quarentena, a casa, a vida.

Dá um gole no café já frio e continua:

– Sua amargura se virou contra mim. Nada do que eu fazia prestava e reclamava que a casa não era arrumada direito, a comida não era boa, o menino era mimado demais. Também tentava me diminuir: eu era feia, só andava mal arrumada, fazia questão de deixar claro que eu não era boa de cama. Como se ele fosse, coitado! Eu não aguentava calada e revidava. No início, discutíamos por horas. Eu até tentava falar baixo pro menino não ouvir, mas logo a gente subia o tom da voz. Eu ameaçava pedir a separação. Ele gritava que eu já ia tarde, mas logo se arrependia e suplicava para eu não o abandonar. A primeira vez que encostou em mim, deu apertão no meu braço – levantou a manga da camisa e me mostrou o amarelado da marca quase sarada. – Xinguei ele de covarde e me soltou, pedindo perdão, dizendo que tinha perdido a cabeça, sabe? Mas parece que nunca mais a achou e passou a extrapolar sua fúria com puxões de cabelo, tapas na cara, empurrões. Passei a dormir no quarto do Miguel e trancava a porta. Não tinha para onde fugir, minha família não é daqui e tenho vergonha de contar para minhas amigas o inferno

que estou vivendo. Hoje mais cedo, cansada de suportar sozinha essa situação, resolvi ligar para meus pais. Nem ia contar nada para eles, meu pai mataria Sérgio se soubesse que ele encostou em mim, só ia pedir um pouco de dinheiro emprestado. O condomínio está atrasado e já é o segundo mês que não pagamos a conta de luz e de internet. Quando eu ouvi a voz dos meus pais, explodi em lágrimas. Tudo a minha volta está desmoronando e eu só queria o colo da minha mãe. Sérgio deve ter escutado e foi ao quarto, bêbado, tirar satisfações: nem chorar eu podia mais. Começamos a brigar de novo e ele arremessou meu celular na parede. Ao ver o aparelho em pedaços no chão, parti para cima dele. Distribuí tapas sem ver onde acertava, reuni toda a força que ainda me restava, eu queria que ele morresse. Sérgio descontou sua raiva com mais força e me atirou contra parede, chutando meu estômago várias vezes. Ele estava completamente fora de si. Só parou porque você tocou a campainha. Fiquei jogada no chão sem conseguir me mexer quando ele foi abrir a porta. Sem saber, você salvou minha vida. Obrigada! – e desabou em lágrimas.

Nenhuma teoria feminista havia me preparado para isso. Passo o braço em suas costas e choramos juntas. Ficamos abraçadas até nosso peito parar de tremer.

– O que você pretende fazer agora?

– Não sei.

– Quer que eu ligue para a polícia?

– Não sei.

– Ele vai te bater de novo.

– Eu sei.

Destravo a tela do celular, digito 180, mas não ligo. Viro o aparelho telefônico para ela e empurro em sua direção. A vizinha olha para a tela, para mim, para tela de novo.

DE TEMPOS EM  
TEMPOS EU APAREÇO  
POR AQUI, HUMANOS

**Nayara Fernanda Dornas**

De tempos em tempos, eu faço uma visitinha pelo mundo afora. Já faz um tempo que venho querendo voltar, mas, com tanto trabalho, acabei enrolando. Vocês estão em um ritmo tão frenético que, sem perceberem, acabaram triplicando meu trabalho ao longo dos anos. Então, eu pensei, “preciso dar uma voltinha para mostrar que assim como eu, vocês precisam dar uma analisada na vida, na sociedade e no mundo em si”.

Eu já fiz várias visitinhas, umas rápidas, outras nem tanto. Algumas, passei pelo planeta inteiro, outras, por alguns continentes específicos, ou por algumas cidades. Gosto muito de calor, e por isso, acabo me demorando pela África, e também na Síria e em lugares isolados da globalização, porque adoro dar voz ao que o mundo tenta ignorar.

Como eu disse, já dei muitos passeios pela Terra, há muito tempo, desde que o mundo é mundo eu faço isso. A cada tempo, com um objetivo diferente. No começo dessa minha jornada, não vou negar, eu fazia por diversão e curiosidade. Mas, assim como tudo na vida, evoluí, amadureci, passei dessa fase de pura diversão e agora sempre trago uma lição.

Fiz muitas boas ações, apesar que nem todo mundo vê dessa forma. Vim na Idade Média com a peste, para me divertir um pouquinho com as ideias religiosas da época e causar uma “pane nas crenças”, vim com a gripe espanhola, para causar um alvoroço científico, algo que retomei nessa última visitinha. Mas, vim, sobretudo, na guerra, e acabei ajudando a construir e dar voz aos Direitos Humanos. Ah!!! Eu me orgulho de ser responsável por esse feito, além, também, de ter sido parte da origem da criação da ONU. Outro motivo de orgulho para mim.

A cada vinda, como eu já reportei, eu tenho um objetivo. A maioria me tem como o mal, como a destruição, como o fim do fim. Muitos me temem, outros me procuram, e dependendo da cultura, têm aqueles que até me veneram. Mas, observando quem sou, o que quero, meu trabalho, minha essência, eu diria que sou muito necessária à vida, ao planeta,

e principalmente a vocês, seres humanos. Sem mim, vocês estariam em maus lençóis, provavelmente sem rumo. Querendo ou não, eu sou necessária, mesmo que sempre que apareço, trago comigo a tristeza, o medo, o isolamento.

Não faço por maldade, ou com má intenção, mas é que tudo isso sou eu, faz parte de quem sou e do meu trabalho. Em plena era globalizada, em pleno século XXI, eu precisei dar um jeitinho de vir e trazer a lição de forma eficaz. Demorei um tempinho até descobrir como fazer isso.

O meu momento “Eureca” se deu quando observava uma família, até que bem tradicional, constituída por pai, mãe, dois filhos e um avô. Meu trabalho consistia naquele momento em falar com o avô, mas, a forma como aquela família estava me despertou um interesse de observar mais de perto. Então, acompanhei a rotina dela por mais ou menos uns quinze dias. E, sério, eu fiquei chocada. Percebi que estavam desconectados uns dos outros, que não se olhavam de verdade, que não estavam próximos, porque, cada um parecia viver em um mundo particular e único, em que o outro não fazia parte.

O pai e a mãe trabalhavam muito, saíam cedo e só voltavam à noite, cada um em seu carro, cada um com seu ritmo. Dormiam na mesma cama, mas quase não mantinham um diálogo. Os filhos, um de 10 anos e o outro de 17, também viviam cada um em sua bolha, o de 10 anos ia para escola, voltava e ficava a tarde e quase a noite inteirinha na internet jogando. O de 17 também ia para escola, voltava para almoçar e saía sei lá para onde e só voltava à noitinha. E o avô ficava o dia inteiro na TV. Ninguém almoçava com ninguém e nem jantavam juntos, cada um em seu horário, em sua individualidade. E aquilo me assustou, porque, nem eu vivo assim. Até eu preciso de diálogo, de companhia, de estar conectada ao outro.

Diante disso, eu percebi que já estava na hora de eu, novamente, aparecer. Precisava de um plano para poder parar a sociedade e o mundo, parar esse ritmo frenético e fazer com que a humanidade prestasse atenção em si mesma. Eu teria que fazer isso de forma eficaz, de forma abrupta, de forma até forçada se fosse preciso.

Eu tinha um objetivo, e iria colocá-lo em prática. Voltei ao meu histórico de trabalhos e visitas anteriores à procura de alguma ideia ou inspiração. Precisava de algo que gerasse medo, receio e o principal ponto, isolamento. Olhando para trás, foi uma sacada genial, porque, isolar obrigava o mundo a parar por algum tempo, e com isso, aliado ao medo, gerava a reflexão, o questionamento e acreditava que, assim, a humanidade iria perceber o erro que estava cometendo e poderia corrigi-lo. Desde que vocês habitam o mundo, quando começam a sair dos trilhos, eu estou ali para dar uma ajudinha.

Então, coloquei meu plano em prática, aliada a experiências passadas da Gripe Espanhola e das Guerras Mundiais, dei uma pesquisada nos milhares de vírus que existem e achei a ideia para os meus objetivos, o Coronavírus. Ele seria capaz de parar o mundo, de causar o isolamento, e assim, despertar certos sentimentos que vocês já estavam esquecendo. E foi aí que coloquei o plano em prática. Ele era o ideal, porque ainda não tinha sido estudado, vocês ainda não tinham um antídoto, ainda não o conheciam e nem tinham lidado com ele, o que os obrigava, de certa forma, a pararem e a trabalharem juntos, cada um à sua maneira, em prol do bem coletivo.

Eu precisava cobrir o globo inteirinho, mas, foi bem fácil, porque agora, o mundo está conectado, graças ao avanço tecnológico e aos meios de comunicação, pessoas vêm e vão com muita facilidade. No fim, o vírus se espalhou e está entre vocês.

Não pensem que fiz isso por maldade, não mesmo. Eu fiz para proporcionar o desenvolvimento da humanidade de vocês. Percebi que estavam deixando de lado os sentimentos, o amor pelo próximo, que estavam cada vez mais imersos em um mundo paralelo, em um mundo distante, e que estavam perdendo o melhor da vida, que são as pessoas que estão ao seu lado, as experiências vividas, as lições aprendidas. Percebi que a maioria estava vivendo em função do dinheiro, do ter cada vez mais, do acumular, do estar com o *status* cada vez mais “badalado” e que os valores estavam sendo deturpados. Precisava intervir. Vocês estavam perdendo a capacidade da coletividade, de viver em comunidade, de ser solidário, de se importar com algo além de si mesmos. Vocês estavam perdendo a humanidade de vocês e estavam comprometendo suas almas.

Com essa pandemia, acredito que apesar de todo sofrimento, porque, evoluir, mudar, reconectar-se com a humanidade, infelizmente vem acompanhado de um processo de sofrimento, de tristeza, de perda, vocês estão voltando para os valores que os tornam humanos. Mesmo que aqueles que não estão adaptados biologicamente acabem saindo desse mundo, eu precisava intervir. E sair desse mundo causa dor para quem fica nele. E essa dor gera mudança, reflexão, amadurecimento.

Bom, além disso, como eu já disse, a pandemia trouxe o isolamento social, que vocês já viviam bem antes da COVID-19, vocês só não percebiam. Vocês viviam isolados de si mesmos, das pessoas que amam, porque viviam em função de aparências, de redes sociais, de parecer feliz o tempo todo, ou ainda de estar cada vez mais rico, trabalhar mais e mais em função de satisfazer-se por meio de bens materiais. Mas, acho que muitos de vocês ainda não perceberam que o isolamento social não é realmente algo novo, pelo contrário, já era praticado, só que com a correria, a maioria não percebia isso. Essa nova modalidade de isolamento social só fez com que vocês fossem obrigados a parar, obrigados a pensar na vida, a pensar em mim, a pensar em seus valores, em seus familiares, em seus amores e a pensar no futuro, no que realmente importa.

Os discursos que circulam são discursos de que a pandemia trouxe a depressão, a tristeza, o medo, a insônia, a loucura, mas, eu não vejo dessa forma, meus queridos humanos. O isolamento só deu ênfase para isso, para o que já vinha acontecendo há muito tempo, mas que o homem não estava prestando atenção. Não foi a pandemia que causou tudo isso, foram vocês mesmos; há algum tempo, a pandemia, mesmo carregada de tristeza, só evidenciou o que já estava aí.

Outra coisa que o isolamento revelou, e aposto que todos notaram, é a individualidade acentuada, o pensar e olhar para o próprio umbigo, e pensar também no dinheiro como a prioridade, o dinheiro em detrimento da vida. Não vou entrar nessa questão econômica, mas acredito que muitos perceberam que dá para viver sem metade das coisas que viviam consumindo antes do isolamento.

Voltando à questão do individualismo, percebi que o isolamento forçou o olhar para o próximo, a olhar, perceber e amar esse próximo. A dar existência para esse próximo que até então fazia parte dos elementos figurativos da vida, ou seja, eu sabia que o próximo está aqui, sentia e sabia da existência dele, mas não dava muita importância e nem atenção devida, porque eu era quem realmente importava e a visão que a sociedade tem de mim é o que devo preservar, certo, meus queridos? O isolamento obrigou o ser humano a ver esse próximo e a voltar a cultivar o ensinamento de amar ao próximo como a si mesmo. O outro também importa.

Eu fico andando pelo mundo e observando as mudanças, observando as diversas reações, desde aquelas em que as pessoas percebem o que quero mostrar, desde aquelas em que as pessoas só veem o mal, a parte negativa, porque, caros humanos, vocês devem saber que tudo tem dois lados, e que cabe a cada um focar no que mais lhe agrada e qual quer levar ao longo da vida.

Eu gosto muito do lado em que tiramos lições e sentimentos, aquele lado que proporciona mudanças boas. Aquele que vê as pessoas, que dá importância para quem foram, suas histórias, aquele que vai além de números de mortes a cada dia.

Acho que outro ensinamento que essa pandemia trouxe para vocês é que todos são seres humanos, que por trás dos números, há um rosto, uma história, uma pessoa, uma família e isso toca até o mais duro e cético dos homens.

Vocês podem não concordar comigo, mas, acredito que eu escolhi o momento certo para intervir, assim como todos os outros momentos anteriores. Muitos vão achar que sou cruel, que sou a maldade encarnada, porque não percebem que eu sou parte do equilíbrio, e quando o mundo, a humanidade começa a perdê-lo eu me sinto obrigada a intervir. Quando vocês estão saindo do caminho, eu apareço.

A pandemia trouxe o isolamento social, que para vocês foi a pior coisa, até mais pior que certos acontecimentos. Os econômicos, comerciantes, todos os trabalhadores no geral ficaram super irritados, com medo de perder dinheiro, de passar fome. Mas, vocês têm o que mais me chama atenção: a alma e com ela todos os valores que os tornam humanos. Cada um foi fazendo sua parte, doando o que podia para ajudar o outro a viver.

Queridos humanos, eu sou parte da vida, sou necessária a vocês. Eu decidi novamente fazer uma visitinha e mostrar que todos cometemos erros, mas que todos podemos consertá-los. Eu estou dando uma mãozinha para a humanidade fazer isso. A pandemia não é castigo, nem maldade, é somente a consequência dos atos de vocês e é a chance de reverem os conceitos, reverem as prioridades, reverem como tratam o planeta e as pessoas que estão ao lado de vocês. Acredito que, assim como no passado, vão aprender a lição e vão se tornar melhores.

Enfim, todos vocês me conhecem, alguns já me viram de perto, outros não. Mas, todos sabem quem eu sou. Então, coletivamente ou individualmente, a gente se vê por aí. Estou de olho em vocês. Cuidem-se! Vocês, humanos, são uma preciosidade, e eu amo cada um, do meu jeitinho todo especial.

# MANHÃ DE INVERNO

**João Gustavo de Oliveira**

Joaquim acordou naquela madrugada batendo o queixo. Era julho, talvez agosto. Não importava a data, para ele todos os dias do ano pareciam iguais. Mas estava frio, isto importava. Morava a céu aberto, próximo à lagoa, naquela pequena cidade do interior de Minas, localização que para alguns poderia representar luxo – bem como transparecia no rosto daqueles que deixaram suas moradias pela manhã, em busca de ganhar a vida e continuar numa lógica cruel, se sentindo privilegiados; para ele representava a miséria, a degradação humana. Representava o que ele era e o que se tornou. Não tinha para onde ir, sua companhia eram os outros mendigos que se amontoavam próximos a ele e, dessa companhia, partilhava os goles que os mantinham por vezes aquecidos do frio. Era o que a vida tinha-lhe reservado, ou como preferia acreditar, era o que merecia.

Cerca de 15 anos antes, o vício em álcool degradou o pouco que havia construído: o casamento, os dois filhos, a casa que montou ao lado de Maria. Mas os *gorós*, que eram um hábito comum aos homens nos finais de semana, não se lembra como ou quando, tornaram-se uma necessidade vital ao longo dos outros dias, possuíram-no com uma força que fugia ao seu controle. Agora, observando aquelas famílias felizes, caminhando, indo à padaria, deixando seus lares confortáveis, ele era inundado por lembranças alegres de um tempo que preferia esquecer: quando era alguém.

Estava alheio – assim como as pessoas eram alheias ao passar por ele – ao que se materializava à sua volta. Não entendia a mudança de comportamento e as razões pelas quais aquelas pessoas, agora, andavam nas ruas cobrindo seus rostos com máscaras. Analisavam-nas fazendo suposições fantasiosas de um possível motivo e todos lembravam-no da doença. Que outro motivo alguém se protegeria tal qual a um médico usando máscara? Era ignorante, bem sabia, mas era esperto também. Foi com indiferença que acompanhou todo aquele movimento transitório:

as pessoas sumindo das ruas, reaparecendo parcamente, para só então se mostrarem à vida que acontecia sob o céu azul daquela manhã de inverno usando máscaras.

Naquele dia, que seguiu a madrugada mais fria que sentira no ano, uma moça jovem, acompanhada de um guarda (ambos usavam máscaras, observou Joaquim), se aproximou e começou a fazer uma série de perguntas, que eram respondidas e anotadas pela mulher em uma espécie planilha. Queria saber o nome, idade, onde morou antes de ir parar na rua, como chegara àquele momento, entre outras questões, algumas mais fáceis de responder, outras nem tanto. A moça parecia amistosa. Disse que se chamava Daniela e que era assistente social. Queria oferecer-lhes abrigo do frio, em um local destinado às pessoas em situação de rua. Joaquim achou graça do termo. “Situação de rua”. Era um eufemismo para mendigo, concluiu.

Qual interesse teria naquelas pessoas que estavam ali, à mercê do tempo, quase todos os dias. Por que agora? Questionou-se. Normalmente as pessoas não o encaravam, seus olhares costumavam o atravessar, como se sua existência não fosse percebida por aqueles olhares que, atentos e conscientes de suas próprias existências, negavam a dele própria. Sentiu raiva. Entre as muitas palavras que a jovem dizia mansamente, quase como se falasse com crianças, mas que no fundo tinha uma qualidade de puro medo, ele se ateu a uma: isolamento. “É importante que vocês passem por um período breve de isolamento, para que possam ficar hospedados nesse albergue”, dizia a moça que ele já nem lembrava mais o nome.

Isolamento... Repetiu a palavra mecanicamente, o olhar triste e embaçado voltado para as pessoas que ali passavam, com expressões que iam de curiosidade ao puro alívio da possibilidade de se livrarem de sua presença. Estavam *isolados* há muito tempo, queria dizer Joaquim. Desde que chegara, fora enxotado dos lugares, evitado na rua por pessoas

bem vestidas e de banho tomado... Qual o sentido daquele isolamento neste momento? O hálito ébrio disse poucas palavras, que pareciam não ter nexos, muito embora fizessem sentido em sua cabeça. “Não vou pra lugar nenhum”, foi o que entendeu Daniela. Ela estava de mãos atadas, tentou persuadir os moradores de rua novamente, mas não obteve êxito em sua empreitada. Eles tinham uns aos outros naquele momento e um litro de cachaça, não precisavam de mais nada. Nenhum lugar que os condicionasse a uma vida que não lhes pertencia.

Era difícil imaginar uma nova vida. Estava há tanto tempo naquelas condições, esquecido, que qualquer possibilidade de ser visto novamente o assustava. Joaquim não pensava em mais nada, a não ser na ardência em sua garganta e no desejo insaciável de experimentar mais um gole daquela cachaça. Assim passou seus dias desde que fora expulso de casa pela mulher. E como culpá-la? A lembrança amarga fez com que desse outro trago, se antes bebia para satisfazer o desejo que o vício lhe forçava, agora bebia para esquecer o que o vício fizera-o perder.

Pensava que o isolamento era mera formalidade para conter o que chamavam *pandemia*. E achava injusto *agora* quererem estender-lhes a mão. Mas não precisava daquele tipo de piedade, precisava beber. E com algumas poucas moedas que arrecadou de transeuntes mascarados, outros nem tanto, comprou mais um litro de cachaça. *Isolamento*, pensou dando um riso frouxo. Já estava isolado, não precisava agora isolar-se do mundo físico, esconder-se das vistas daqueles que o olhavam sem o ver. E assim Joaquim passou seus dias seguintes, alheio ao mundo que era alheio a ele. Até que os primeiros sintomas surgiram: a tosse compulsiva, a respiração ofegante e acelerada. O ar era insuficiente ou tanto que o sufocava. Próximo de completar seus 58 anos, Joaquim despedia-se do mundo que o isolara completamente, do mundo que ignorava sua existência miserável. Foi sepultado às 9h. Não havia a quem informar. Não havia quem pudesse chorar por ele. Havia a ideia de acordar em um

lugar melhor, como pensou ele nos últimos momentos de vida; de ser alguém melhor, alguém amado novamente. E assim, despediu-se de si mesmo, para nunca mais ser acordado pelo frio da manhã.

# JOANINHA

**Michelle Aparecida Pereira Lopes**

É só mais uma tarde qualquer, de mais um desses dias intermináveis em que eu estou aqui, sentadinha na minha sacada, tomando alguns míseros raios de sol, afinal é só isso que me resta a essa altura do campeonato no qual a vida disputa seu lugar frente a uma pandemia. Tudo isso me parece uma louca ficção científica. Meteram-nos numa distopia, só pode!

De repente, vi um inseto, um besouro minúsculo, uma joaninha, pensei eu. Mas não era uma joaninha; acho mesmo que era o menorzinho de todos os besouros, o mais minúsculo dos minúsculos, quase imperceptível pelos meus olhos míopes e ofuscados pelo sol. Ele chegou do nada, acho até que veio trazido pelo vento. No começo, ficou meio perdido, passando aflito para lá e para cá, sob meu olhar desconfiado; no fundo eu questionava quanto ele aguentaria ali; o que faria, o que queria. Mas insetos não costumam falar com humanos, então, ele mal me notara. Tenho certeza de que eu era mais insignificante para ele do que ele o era para mim.

De vez em quando, suas asinhas se abriam e ameaçavam voar; só que logo depois, ele desistia. Insegurança? Talvez... Ficou imóvel por muitos minutos, daquele mesmo modo que eu tenho ficado nos últimos dias: calada, parada, reflexiva. Depois de um bom tempo, o serzinho tão pequenino e indefeso pareceu ter tomado consciência de que aquele era um lugar inóspito – um piso tão frio não seria capaz de lhe proporcionar nem subsistência, nem o acalanto necessário à vida. Movido pela sensatez, ou pela consciência de um futuro tão incerto e improvável, o bichinho começou a se arrastar, devagarzinho, no começo e mais rápido depois. Atravessou toda a extensão da sacada, na perpendicular e deparou-se com o rodapé do piso. Ih, pensei. Quero ver como ele vai se sair dessa.

Ele parecia olhar a altura do rodapé, igual quando admiramos um edifício alto, ou então a mesma sensação de quando alguém decide fazer um rapel e olha a montanha que vai encarar. Para minha surpresa, ele

não titubeou! Começou a subir, escalou todo o rodapé e subiu na pedra que sustenta as grades da sacada. Andou nela e, antes que eu piscasse mais uma vezinha só, vupt! Voou para baixo, para longe, onde meu olhar já nem o alcançava.

Aquele insetozinho, tão pequeno, tão minúsculo, no piso frio de minha sacada, me fez pensar em mim. Minha pequenez na frieza desse mundão de meu Deus... Minha incerteza pandêmica, que entrou em mim sem pedir licença e segue corroendo, bem de mansinho, todas aquelas que eram as minhas grandes e absurdas certezas. Minha ansiedade cortante, como uma navalha fina que entra por minha carne, dilacerando aquilo que parecia tão estável em mim: do que eu era, o que ainda sou, ou o que ainda me resta ser? Que terreno gélido, seco e inóspito que a vida apresenta a mim e a todos os demais?

Fiquei horas ali, tão ou mais sozinha que aquele inseto; tão ou mais consciente da incerteza da vida que aquele ser minúsculo. Na minha imobilidade, eu só conseguia pensar na joaninha que não era joaninha, mas era mais feliz do que eu estava sendo nos últimos tempos. Coloquei-me de pé, aproximei-me do parapeito da sacada, olhei para cima. Onde estaria o rodapé que eu preciso escalar? Qual a altura dele? Quanto tempo eu levaria para encontrar a pedra que me permitiria chegar na pontinha para alçar voo novamente? Só que eu não sou joaninha, não sou inseto... Sou mais uma dentre todos os outros seres humanos que por sua pequenez parecem insignificantes a tantos outros, durante essa pandemia.

# AS MÃOS DE ANA

Larissa Lorena de Jesus Silva

Era por volta das duas da tarde. O tempo não estava nem fechado, nem aberto. Mas estava cheio. Cheio de indagações, pensamentos soltos, medos e devaneios nada poéticos. Há mais de um mês, ela não saíra de casa. Quem diria. Uma pandemia se alastrava pelo mundo.

Ana, que se esforçava muito para se manter em casa para se proteger e, principalmente, para proteger seus pais, com saúde frágil, precisou ir ao supermercado, após um mês se guardando nas paredes de sua casa e nos pensamentos de sua mente.

Como o clima e os dias estavam indecifráveis, Ana se encontrava perdida quanto ao calendário. A sensação era de um dia de domingo. Mas era uma quinta-feira, uma longa e confusa quinta-feira.

Ana e sua irmã, Clara, se vestiram com segurança dos pés à cabeça para se esconderem de um vírus. Mais pareciam duas astronautas ou seres que acabavam de chegar de outro planeta. Não era para menos. Uma semana atrás, sua melhor amiga havia perdido o pai para este inimigo. Um único vírus estava matando, amedrontando e traumatizando pessoas e suas famílias. O caos e o desespero pelas mortes estavam instalados.

No caminho do destino final das irmãs, havia um mundo à parte. Lojas com filas, pessoas mascaradas, empresas falidas, igrejas com as portas fechadas. Era surreal. Era a realidade. Bem da verdade, elas se vestiram de acordo com o que, realmente, parecia outro mundo.

Chegado o destino final, o supermercado, as irmãs ficaram mais assustadas ainda, o que era de se esperar. As filas que viram pelas janelas do carro no caminho não eram nem metade da metade da fila do supermercado. Um metro de distanciamento. Muitos nem se reconheciam pela obrigatoriedade dos cem centímetros de lonjura e pelos mantos na cara. E, quando sim, não podia nem se pensar na hipótese de um simples cumprimento, como um aperto de mãos. Aliás, elas, as mãos, deviam se manter longe o máximo possível, de tudo. Ana não sabia o que

a assustava mais: a impossibilidade dos abraços, ou a inviabilidade de se usar as mãos. Claro que a utilização do uso de produtos desinfetantes, como o álcool gel, principalmente, era aconselhável e até exigido em lugares públicos (e, para se manter a mente mais aliviada ou menos culpada, também era feito o uso forçoso quando em lugares não públicos, como nos lares), o que facilitava se utilizar de uns dos membros do corpo humano mais importantes para a vida em si, para a vida em sociedade e para a vida em comunhão. Quão valioso é o uso das mãos!

Depois de, mais ou menos, uma hora na fila, Ana e a irmã conseguiram entrar no supermercado, tomando todos os cuidados necessários e determinados por lei. Era lei não se aproximar de outro ser humano. Era lei lavar as mãos e, se possível, não as utilizar. Era lei esconder o rosto. Com tudo isto, elas sentiram que era lei deixar de ser totalmente livre e humano, na totalidade de sentidos.

A feira que precisavam para casa foi feita. Poucas vezes o tempo passara tão devagar e a pressa fora tão grande, como no primeiro dia, após os trinta, sem saírem de casa, sem, ao menos, irem ao supermercado. Chega a ser irônico. Tanto tempo em isolamento social, causando angústia e frustração, e, naquele momento, chegar em casa era o que mais ansiavam as irmãs.

Ao chegarem, Ana e Clara higienizaram toda a compra e, em seguida, rapidamente, foram para o banho. Um dos melhores banhos de suas vidas. Não lavaram apenas os seus corpos. Aquele banho limpou de seus corações a euforia, a ansiedade e a tristeza.

Era nítido que o mundo gladiava uma guerra com o invisível. Entender a extensão disto e de todas as suas consequências não era tarefa fácil para qualquer pessoa. A maioria nem sabia, de fato, o que estava acontecendo. Pessoas estavam morrendo, outras perdendo seus empregos, outras entrando em estado emocional caótico, outras em um cenário totalmente

diferente: eram obrigadas a sair para trabalhar e, na linha de frente, o vírus enfrentar. Os heróis se tornaram reais: médicos, enfermeiros, policiais e trabalhadores de serviços essenciais. Abençoadas e honradas para sempre seja esta gente!

Para os que sentem demais, para os que sempre sentiram demais, uma pandemia não seria apenas um surto que logo passaria (até porque não se tinha noção nem mesmo se este cenário se apagaria e, se sim, quando). Para os seres humanos sensíveis além da conta, havia algo maior acontecendo. Ana sabia que sempre que aconteciam coisas ruins, uma lição se fazia necessária resultar. Era o único cálculo matemático compreensível para a garota de 19 anos, que sempre viveu de sonhos e devaneios bonitos.

No mesmo dia, antes de dormir, Ana tentou chegar a uma conclusão coerente para tudo que o mundo estava enfrentando. Não conseguiu. Como dito, ela não era boa com exatidões. Resolveu, então, rezar. Não se pode deixar de citar a fé inabalável de Ana. Ao começar, ali, podendo usar suas mãos tranquilamente para o amor, a menina reparou o quanto elas se encontravam ressecadas. No meio dos dedos saíam pedaços de pele, efeito do uso exagerado, obrigatório e necessário de produtos químicos. Diante disto, entendeu muitas coisas.

Ana se encontrava bem de saúde com relação ao vírus. Sua família também. Pelo menos por enquanto. Como mencionado, não era possível saber onde tudo aquilo poderia chegar. Mas suas mãos desgastadas revelaram o que o seu coração carecia saber: Ana estava em meio a uma luta mundial, mas, também, carregava as marcas de um confronto íntimo, pelo qual precisava ser leal. Lembrou-se da lição que sempre soube: se algo de ruim acontece, existem lições a serem aprendidas. As mãos machucadas de Ana simbolizaram tudo o que ela estava a enfrentar, revelaram o que, no fundo, ela sempre soube, mas o que o mundo necessitava desenvolver, compreender, assimilar e praticar.

O corpo pode estar doente ou impedido de se movimentar, mas os corações só precisam das boas emoções para qualquer guerra travar. As orações só precisam de mentores para as realizar. Mãos machucadas pelas guerras são sinais, marcas necessárias para se lembrar o porquê do combate. Os sinais, para Ana, estavam claros: nada além de paciência e da empatia, nos momentos de conjunta e global euforia, poderia ser mais eficaz para o mundo se salvar. As mãos descascadas eram o sinal mínimo de que o símbolo universal de união entre pessoas e entre nações, as mãos dadas, se encontrava adoentado. Mas, só naquele momento, foi possível perceber, até mesmo de forma física, este lamento. O mundo já se encontrara enfermo, antes mesmo de um vírus o atacar, começando pela alma e pelo coração, até chegar às mãos. Ana entendeu, então, o que era preciso, antes de tudo, curar.

SOBRE QUEM ORGANIZA

**Michelle Aparecida Pereira Lopes** é professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestra em Linguística pela Universidade de Franca e Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Geras. Vez ou outra, se arrisca a escrever poesias e contos e crônicas.

E-mail: [michelleplices5@gmail.com](mailto:michelleplices5@gmail.com)



**João Gustavo de Oliveira** é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Franca (UNIFRAN), e graduando em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Atualmente, é repórter no *Jornal do Sudoeste*, para o qual escreve desde 2015.

E-mail: [joagusttavooliveira@gmail.com](mailto:joagusttavooliveira@gmail.com)



SOBRE QUEM ESCREVE

**Daniele Helena Bonfim Borges** possui graduação em Licenciatura em Matemática pela Fundação de Ensino Superior de Passos (2011). Atualmente, é professora efetiva da Escola Estadual Nossa Senhora da Penha. Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em Análise, atuando principalmente nos seguintes temas: criptografia, RSA, matemática, olimpíada e aritmética. Foi medalhista de ouro da OBMEP na edição de 2008, de bronze em 2010 e 2011, participando do Programa de Iniciação Científica (PIC) por dois anos e do PICME por um ano. Ministrou aulas no PIC por cinco anos.



**Helton Lucinda Ribeiro** nasceu em São Paulo (SP) em 1974. É jornalista e sociólogo, com mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Como escritor, tem textos publicados em antologias e revistas literárias. Venceu, em 2015, o II Concurso Bunkyo de Contos com o conto “Quixote Sama”. Mora em São Paulo e trabalha como assessor de comunicação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).  
E-mail: [heltonlucinda@hotmail.com](mailto:heltonlucinda@hotmail.com)



**João Pedro Menezes Jacinto** é graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestrando em História da Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua como professor de educação básica na rede estadual de Minas Gerais (Escola Estadual Clóvis Salgado) e na rede privada (Colégio Galileu).  
E-mail: [jpe.menezes@gmail.com](mailto:jpe.menezes@gmail.com)



**Larissa Lorena de Jesus Silva**, 29 anos, nasceu e vive na cidade de Passos, Minas Gerais. É bacharel em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade de Passos. Atualmente, cursa Jornalismo na mesma instituição. Poetisa e escritora, é coautora em duas antologias:

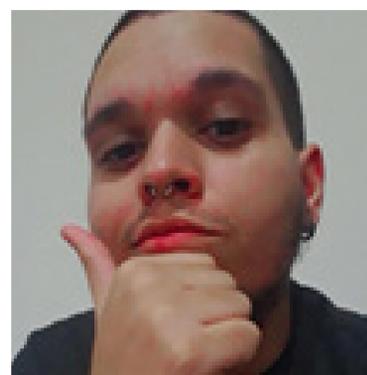


*Mulheres da História* e *Poesi(a)*. Em outubro de 2020, participou do 5º Festival de Poesia de Lisboa, o que resultará na sua presença em outra antologia, ambos com o tema R-existir: a poesia como afirmação de nossa existência. Larissa tem verdadeira paixão e entrega pela arte e, principalmente, pela escrita poética. No momento, se dedica aos estudos, à escrita, ao empreendedorismo e a projetos sociais. Trabalho com a escrita: [@dapoesiaquesou.ll](https://www.instagram.com/dapoesiaquesou)  
E-mail: [llorenajs@gmail.com](mailto:llorenajs@gmail.com)

**Luiz Henrique Bernardo Freire** é Graduando em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).



**Mateus Antônio Pereira de Paula** tem 23 anos, nasceu e mora em Passos/MG. É discente do 8º período no curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Tem como inspiração Machado de Assis, principalmente, apesar de não ter uma escrita nem um pouco parecida com a do autor. Escreve há algum tempo, mas nunca buscou o compartilhamento de tais textos, seja por desânimo ou por simples esquecimento. Hoje, escreve como *hobby* contos, poesias etc.



E-mail: [mateusdepaula28@hotmail.com](mailto:mateusdepaula28@hotmail.com)

**Nayara Fernanda Dornas** é Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), foi bolsista de iniciação científica da FAPEMIG. Foi membro do grupo de pesquisa da UEMG, GISDL, grupo que se dedica à pesquisa e ao aprofundamento do estudo da língua e das teorias linguísticas. É Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Linguística pela UFSCar. Foi membro do grupo de pesquisa UEHPOSOL (Unidade de Estudos Históricos, Políticos e Sociais da Linguagem), sob coordenação das doutoras Soeli M. Schreiber da Silva (Líder) e Carolina de Paula Machado. Foi bolsista do CNPq por dois anos. Atualmente, é Professora da Secretaria do Estado de Minas Gerais e no Colégio Presbiteriano de Piumhi – Sistema Mackenzie, leciona as disciplinas de Língua Portuguesa, Redação, Literatura e Metodologia Científica, também atua como revisora. Faz parte do grupo GEDILE – Grupo de Estudos Discursivos sobre a Leitura e a Escrita.



**Nayara Noronha** nasceu em São Paulo em 1988, mas vive em Minas Gerais. É professora, tem como primeira formação Estudos Organizacionais e estuda Letras/Português na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). É apaixonada por literatura, partilha conteúdo literário pelo Instagram @LivrETRAS e se aventurou a escrever seus primeiros contos.

E-mail: [livretras@gmail.com](mailto:livretras@gmail.com)



**Nicole Karina Ribeiro** é graduanda em Letras – Português pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).



Publique seu e-book com a gente!

*Letraria* 



*Letraria* ®